

## ISABA NZAMBIRI - FOLHAS SAGRADAS

A religião afro Bantu, com seus cultos aos Minkisi, faz uso em seus fundamentos das folhas e ervas sagradas provenientes da natureza viva e seu uso é de extrema importância em todos os seus rituais religiosos.

Postarei algumas folhas e ervas sagradas respectivas à cada Nkisi

FOLHA = KISABA.....plural – ISABA (Kimbundu)

FOLHA = EKAIA.....plural – MAKAI (Kikongo)

ISABA NZAMBIRI IA PAMBU NJILA

(Folhas Sagradas de Pambu Njila)

BAVU KISASA = Palmatória do mato.

TUBIA = Cansação.

NZINGAPÉ = Folha do dendezeiro.

DULULU = Fedegoso macho.

ULUKAJI = Tamarindo.

MUKAJU = Cajueiro.

MUMANGA = Mangueira.

BAÍKI = MAMONA (Roxa).

XIKUKUNIRA = Jaqueira.

MUXERU = Fruta-pão.

NKISI NKOSI

MUEKI RIZANGA = Cana do Brejo.

NDUKU NGULU = Bredo de Porco.

MUMANGA = Mangueira.

NGUMBA = Corana.

NZINGAPÉ = Folha do Dendezeiro.

MABAIÁ = Balieira.

Ó SINKÔSI = Espada de SÃO JORGE (redonda)

PÓKÓ NKOSI = Nativo Verde (Peregum).

NGOZU = São Gonçalino.

NKISI NGUZU// MUTAKALOMBO

UZINDUNGO = Erva do Oxossi

Ó SINKÔSI = Espada de São Jorge (redonda)

PÓKÓ NKOSI = Nativo verde (Peregum)

KAMUSOSO = Cipó chumbo

IANGU DIEMBE = Erva pombinha (quebra pedra)

MASÂNGO = Folha do milho

RIÉ = Folha de coqueiro

NKISI KATENDE

KAMUSOSO = Cipó chumbo  
MUEKI RIZANGA = Cana do brejo  
UZINGAPÉ = Folha do dendê  
IFELI = Café  
IANGU NJILA = Erva de passarinho  
N'GAIM = Berdoeja  
UZINDUNGO = Erva de Oxossi

NKISI NZAZI

BUBILO = Parasita  
KIMGOMBÔ = Folha do Quiabo  
DISU DIEMBÊ = Olho de pombo  
KIRIMA = Cajazeira  
TOLO = Arueira  
OXI = Pinhão de praia  
TUBIAXÓ = Coco de Maroto  
LUNDO = Coité

NKISI KAVUNGU//NSUMBU

BUTANU = Cinco chagas  
N'JILA = Erva de passarinho  
DULULU = Fedegoso  
BAMBI = Cordão de frade  
M'BONGÔ = Alecrim  
UZINGAPÉ = Folha do dendê  
BAIKI MUNDELE = Mamona branca  
ULUKAJI = Tamarindo  
MUKAJÓ = Cajueiro  
N'GAIM = Berdoeja  
MUMUNIÊ = Umbaúba

NKISI ANGORO

MUMANGA = Mangueira  
XIKUKUNIRA = Jaqueira  
MUXERU = Fruta pão  
KINEMAM = Canela de velho  
DIRINA SANJI = Língua de galinha  
MUKAJÓ = Cajueiro  
NGUMBA = Corana.

NKISI ZUMBARANDÁ

MUMANGA = Mangueira  
BUTANU = Sete Chagas  
NGAIM = Berdoeja

DULULU-ATU = Fedegoso Fêmea  
MUXERU = Fruta-pão  
ULUKAJI = Tamarindo  
MBONGÔ = Alecrim  
LUNDO = Coité  
MUMUNIÊ = Umbaúba  
MUEU-KIANKULU = Balaio de Velha  
LUZENZESU-KIANKULU = Canela de Velho  
NKASI-MASIKA = Dama da Noite  
KISANGA = Lágrimas de Nossa Senhora  
NDAKA IA NJENDE = Língua de Vaca  
KANDA IA NJENDE = Pata de Vaca

NKISI NVUNJI  
MUXI-MINDÉLE = Laranjeira  
KIANGU UIKI = Erva doce  
DIKANDA MUNDELE = Palma Branca  
UILALA = Flor de Maravilha  
HÊA = Maracujá  
KITARI = Marcela do Campo  
KIRIMA = Cajazeira  
NKULU SANJI = Capim Pé de Galinha

NKISI KAIANGO//MATAMBA  
ITEI = Arnica  
KITANDU = Samambaia do Mato  
KIBUBILO = Parazita  
TUBIAXÓ = Coco de Maroto  
RITANGA = Folha da Abóbora  
MAKASÁ = Catinga de Mulata  
MAKANHA = Negra Mina  
JIMBONGO = Fortuna  
ILÚMBUA = Manjerona  
KINGOMBÔ = Folha do Quiabo

\* Também usa-se para essa Divindade, folhas de pitanga e erva de Santa Bárbara.

NKISI NDANDALUNDA//NDANDA  
BUDANDÁ = Samambaia de jardim  
INSIÊ = Alfavaca de cobra  
MAKO DANDÁ = Palma do lago  
RIDUMBA = Alfavaca cheirosa  
KITARI = Marcela do campo  
TAMBUKA-KA = Manjerição miúdo  
RISUMBA AVULU = Colônia  
KUXIMA = Folha da costa (saião – macaça – oriri)

KIXIRIXIMBA = Erva de Santa Maria  
UNKABU-MUTANGI = Brio de estudante  
MUKOKOLO = Alcaparreira  
KINSANGA = Lágrimas de Nossa Senhora  
MUXI-MINDÉLE = Laranjeira  
IANGU DIEMBE = Erva Pombinha (Quebra Pedra)

NKISI KUKUÊTO//KAITUMBÁ  
KUXIMA = Folha da costa (saião)  
ANGÔ = São João  
RISUMBA AVULU = Colônia  
TAMBUKAKA = Manjerição miúdo  
NGEBIA = Folha do Rio  
MURUNGU = Neve branca  
DILONGA MASANA = Copo de leite  
MAJENDE = Hortelã  
UANDANDA IA FUTA = Véu de mimo  
KAMUKETE = Cavalinha  
MAMA PUENA = Mãe boa  
JINSEBU KIAKALUNGA = Musgo marinho

NKISI LEMBÁRIANGÁNGA//LEMBÁ  
ANGO = São João  
KITULA = Lírio cheiroso  
KUXIMA = Folha da costa (saião)  
TULULU = Tapete  
TAMBUKA = Manjerição  
RISUMBA AVULU = Colônia  
RIALU = Folha da fortuna  
KUAZA = Urtiga branca  
MESU UA NZAMBI = Olhos de Deus  
AUÓTE OU MUJINHA = Folha de algodão (algodoeiro)  
INSIÊ = Alfavaca de cobra

\*ALGUMAS FOLHAS USADAS PARA NVUMBI

Bananeira, mamona branca, urtiga branca, bambu, erva de passarinho e amora.

## [MAKURIÁ NZAMBIRI KIA MINKISI \(COMIDAS SAGRADAS DOS MINKISI\)](#)

As pessoas perguntam o porque das tradições religiosas Bantu e Nagô sendo diferentes, em relação aos seus povos, cultos, costumes, fundamentos, línguas, vestimentas, Divindades, etc..., porque as comidas e ofertas sagradas seriam iguais??  
Digo que com certeza existem diferenças, mas de certa forma também semelhanças!!

As diferenças existem nos nomes dos pratos, nos nomes das comidas e iguarias e nas rezas (jingorosi/Asambe)..... pois são línguas e costumes diferentes, também é diferente o modo do preparo e os recipientes onde serão colocadas as comidas para a oferta (kibane). Na cultura dos povos Bantu, diferentemente da cultura Nagô Yorubá não se usa louça, pois a mesma é de origem européia.

A tradição dos nativos Bantu antecede a descoberta da louça e as comidas sagradas (Makuriá Nzambiri), são servidas no barro, em cabaças, madeira ou até mesmo utilizando-se de folhas de mamona branca (baiki mundele) e banana (dihonjo), pois nossos Minkisi são os próprios elementos da natureza, a própria energia que emana da mãe natureza (Mam'etu Utukilo), dispensando assim o uso de quaisquer utensílios que não sejam de origem natural.

Nas questões das semelhanças, além do fato das misturas que existem em muitas casas de Angola com os cultos Nagô Yorubá/Ketu, fazendo assim um cardápio erroneamente único, existem as semelhanças na própria África, que falarei a seguir.

As semelhanças já existiam em África, no plantio de seus alimentos e também nos costumes alimentares, que são bem semelhantes em todo continente africano, talvez assim tenha surgido essa igualdade nas ofertas das comidas aos Deuses e Divindades, pois a mesma mandioca e os mesmos grãos que eram plantados em Benin (hoje Nigéria), também eram plantados em Luanda e Mbanza, os dendezeiros eram abundantes em todo continente e o mel adoçava toda África.

Postarei agora, comidas sagradas (Makuriá Nzambiri) dos Minkisi conforme as tradições dos povos Bantu, sendo uma receita para cada Nkisi.

#### NKUDIÁ NZAMBIRI IA PAMBU NJILA

(Comida Sagrada de Pambu Njila)

NOME DO PRATO: EBEGU

Prato preparado com fubá de arroz cozido em água e sal até formar uma papa, que depois de cozida será adicionada a uma farofa de azeite de dendê, o produto obtido será juntado às carnes cruas das obrigações realizadas para Pambu Njila, sendo tudo colocado em pratos (malonga) aos pés do assentamento desse Nkisi.

#### NKUDIÁ NZAMBIRI IA NKOSI

(Comida Sagrada de Nkosi)

NOME DO PRATO: OKELELE

Feijão fradinho pilado ou passado em moenda, temperado com folhas de hortelã, coentro, cebola (lúmbua) ralada e azeite de dendê.

A massa obtida será enrolada em forma de pequenas bolas, colocadas em folhas de bananeira e cozidas em vapor de água.

Serão servidas em vasilhas de barro forradas com folhas de mamona branca (baiki mundele).

#### NKUDIÁ NZAMBIRI IA MUTAKALOMBO

(Comida Sagrada de Mutakalombo)

NOME DO PRATO: MASAMBALA

Prato preparado com canjiquinha de milho vermelho cozida em água e sal, temperado com coentro, alfavaca e cebola (lúmbua) ralada. Depois de bem cozida, colocar em vasilha de barro forrada com folhas de mamona.

Enfeitar com amendoim torrado (Ngiguba), fatias de goiaba (Kimbambule), coco ralado e cipó barba de velho ou cipó chumbo (kamusoso)

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KATENDE

(Comida Sagrada de Katende)

NOME DO PRATO: KIKUA NI KIBABA

Comida feita com milho vermelho cozido ou torrado no azeite de dendê (maji ma ndende), colocado em vasilhame de barro forrado com folhas de mamona, tendo por cima uma batata doce cozida aberta ao meio horizontalmente e ao seu redor fatias de goiaba (Kimbambule) e fumo de rolo (kifuke ia kupunda) desfiado, tudo regado com mel de abelhas.

NKUDIÁ IA NZAMBIRI IA NZAZI

(Comida Sagrada de Nzazi)

NOME DO PRATO: KIBOLO

Prato preparado com quiabos cozidos em rodela não muito finas, temperado com sal, cebola ralada, folhas de louro e camarões (makosa) secos.

Depois de bem cozidos, pôr em vasilha de madeira e adicionar uma papa feita com farinha de arroz ou farinha de açaçá (mukunga), podendo nesta comida serem misturadas as carnes dos animais que foram utilizados nos rituais para essa Divindade.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KAVUNGU

(Comida Sagrada de Kavungu)

NOME DO PRATO: KUSUANGALA NI DIHONJO....

Prato preparado com pirão de arroz, temperado com folhas de maravilha, louro, mastruço, cebola ralada e sementes de coentro piladas, um pouco de pimenta da costa e azeite de dendê. Colocar em uma vasilha de barro forrada com folhas de mamona, bananas da terra cortadas em rodela e ligeiramente fritas em óleo branco, depois polvilhar com canela em pó, colocando por cima o pirão anteriormente apurado.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KITEMBU/NTEMBU

(Comida Sagrada de Kitembu)

NOME DO PRATO: DIHANGUA NI KANJERE

Cozinhar uma abóbora vermelha, abri-la por cima e retirar ramas e sementes.

Recheá-la com camarões secos cozidos em água temperada com folhas de louro, hortelã e coentro. Depois refogar em azeite de dendê juntamente com castanhas de caju, amendoim, cebola batida e um pouco de vinho tinto.

Servir em vasilha de barro, forrada com folhas de mamona branca e cipó chumbo.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA ANGORO

(Comida Sagrada de Angoro)

NOME DO PRATO: MBONZO

Cozinhar batatas doce em rodela não muito finas, temperando durante o cozimento com canela em casca, cravos e uma pitada de pimenta da costa em pó e pó de aridan.

Escorrer e seca-las bem, depois fritar as rodela de batatas doce em azeite de dendê e servi-las em travessa de barro ou em uma cabaça cortada ao meio, forrada com folhas de mamona branca ou guaco, podendo acrescentar ainda um pouco de melado de cana.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA NZUMBARANDÁ

(Comida Sagrada de Nzumbarandá)

NOME DO PRATO: DOVRÓ

Prato feito com feijão fradinho cozido em água e sal, temperado com folhas de salsa e funcho. Depois retirar as peles dos feijões, os mesmos serão refogados com azeite de dendê e camarões, acrescenta-se carne cozida de peixe de água doce.

São colocadas pequenas porções em folhas de taioba que depois serão recozidas em banho Maria.

Colocar em vasilha de barro forrada com folhas de taioba.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA NVUNJI

(Comida Sagrada de Nvunji)

NOME DO PRATO: KIVÚDIA

Prato feito com quiabos cortados ao longo em cruz, refogados com azeite de dendê, cebola, folhas de mostarda, camarões, água e sal. Depois de quase pronto, acrescenta-se amendoim e castanha de caju.

Servir em vasilha de barro forrada com folhas de laranjeira (muxi-mindéle).

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KAIANGO/MATAMBA

(Comida Sagrada de Kaiango/Matamba)

NOME DO PRATO: MAKANZÁ

Bolo feito com massa de feijão fradinho, cebola (lúmbua), farinha de camarão (kazeia makosa), sendo acrescentados camarões secos fritos no azeite de dendê (maji ndende) bem quente.

Depois de esfriar servir em vasilha de barro forrado com folha de banana.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA NDANDALUNDA/NDANDA

(Comida Sagrada de Ndandalunda/Ndanda)

NOME DO PRATO: DIKENDE

Massa de feijão fradinho temperada com ervas aromáticas, cebola ralada, camarões secos e gengibre ralado.

Enrolar em folhas de bananeira e cozinhar ao vapor da água.

Servir em uma cabaça cortada ao meio e forrada com erva de Santa Maria (kixiriximba)

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KUKUETO

(Comida Sagrada de Kukueto)

#### NOME DO PRATO: KUBALUMUKA KAITUMBA

Prato com arroz cozido com cebola e camarões, temperado com azeite de dendê e coentro, tendo por cima uma tainha frita no azeite de dendê ou simplesmente cozida. Servir em prato de barro forrado com folhas de colônia ( kididi kiá utunge).

#### NKUDIÁ NZAMBIRI IA LEMBÁRIANGÁNGA/NLEMBÁ

(Comida Sagrada de Lembáriangánga/Nlembá)

#### NOME DO PRATO: MATETE

Prato feito com milho branco bem cozido em um chá forte de erva doce e canela em casca com leite de coco e açúcar, mexendo-se bem até formar uma massa consistente. Enfeitar com coco ralado e servir em uma cabaça cortada ao meio forrada com folhas do algodoeiro (mujinha).

#### GOSTARIA DE FAZER UM COMENTÁRIO SOBRE AS COMIDAS SAGRADAS!

Algumas pessoas acham que quando ofertamos uma comida para uma determinada Divindade, seja Nkisi/Mukixi (Angola/Congo–Bantu) ou Orisá (Nagô Yorubá–Ketu), essas Divindades vêm de alguma forma para saborearem essa comida. Na verdade é tudo questão de energia...

A terra e a água são fontes de pura energia, para nós são as próprias Divindades..... são delas que vêm os alimentos, que também são energias.....essas energias (alimentos), são levados ao fogo (que também é um elemento energético).

Os alimentos em contato com o calor do fogo, juntamente com os temperos que são acrescentados, fazem com que ocorra uma fusão energética.

Essa energia exalada em forma de aroma (cheiro, odor) junto com as cantigas (Mimbu - plural de Muimbu) e as rezas (Jingorosi - plural de Ngorosi), que também são energias, que vêm em forma de pensamentos e palavras que saem para o espaço energético através da boca ..... ligam o alimento ofertado com a Divindade à quem estamos agradando e agradecendo, fazendo com que nossos pedidos se misturem à essas energias, que se propagam no universo energético, que fatalmente nos devolverá, em forma de êxitos.

#### **O SOPRO DA VIDA !**

Para os nativos Bantu, o que tem importância não é o lugar de nascimento e sim a hora e o dia, pois para eles o dia e a hora são regidos por forças energéticas que farão parte da vida do indivíduo que acaba de nascer.

Naquele bendito dia e bendita hora vem à terra mais um enviado de Nzambi Ampungu, para desfrutar de suas criações, o universo e o mundo.

No instante do nascimento, o pequenino ser inala o MUIKUA (hálito quente - a primeira respiração) ou seja, o sopro da vida que vem para o sangue, coração e pulmões (órgãos motores), recebendo a vida de Deus (Nzambi) naquele instante.....

É esse sopro de vida que os nativos de origem Bantu acreditam ser a própria Divindade (Nkisi), que no futuro poderá ou não ser iniciado no indivíduo.....

Por isso que o dia e hora são importantes, pois é naquele momento que se define o Nkisi

que fará parte integrante da vida da pessoa.

Lembrando à todos que quando está no útero materno, o pequenino respira e se alimenta através de sua mãe, passando a ter sua respiração natural e por si próprio após seu nascimento (o sopro da vida - a primeira respiração com seu esforço).....

## **ELABORAÇÃO DO NGOMA (TAMBOR//ATABAQUE)**

Em África Bantu os Jingoma (Tambores) eram e ainda são feitos do tronco de uma árvore chamada Mbondeiro.....

Árvore muito antiga e mágica para os nativos Bantu!!!

O fruto que vem do Mbondeiro chama-se Makua.

Cortam o Mbondeiro e através do Muixi ia Muxi (tronco da árvore) começam a preparar a confecção do Ngoma (Tambor)....

Através de um trabalho manual e lento, retiram todo o miolo do tronco....

Após o término, o futuro tambor começa a ser preparado para o Kitungu (Fundamento) e Pangu (Ritual) de encantamento.

É feito o sacrifício animal e o sangue é usado para o encantamento dos Jingoma (Tambores) e depois o couro do animal sacrificado é retirado, e é esse couro que dará o som ao tambor!

Ligação do Ngoma (Tambor) com o Kambondo//Kambundu!!!

KA = prefixo diminutivo.....

MBONDO = vem da árvore MBONDEIRO....

KA + MBONDO = KAMBONDO..... (Pequena árvore ..... que se faz o Ngoma = Tambor)

KAMBONDU.....

KAMBA = amigo, confidente, aliado..... (do Kimbundu)

UNDU = confirmação, sacramento..... ( do Kimbundu)

KAMBA + UNDU = KAMBONDU = o amigo, o aliado, o confidente, o confirmado do Nkisi (DIVINDADE).

## **CURIOSIDADE!!!!**

A palavra Bantu era muito usada e ficou conhecida, através dos antigos pesquisadores e antropólogos, quando chegaram em África a muitos anos atrás, para estudar as línguas e os povos da região conhecida como África Sul-Equatorial.....

Usavam a palavra Bantu para se referirem ao grande número de línguas e dialetos

daqueles povos.....

A palavra correta para nos referirmos à povo, gente, pessoa é: MUTU - plural = ATU - (do Kimbundu)

Da mesma forma, que usamos a palavra "Abantu" como plural de Bantu, é na verdade um termo aportuguesado..... não é correto!

A palavra Bantu já é plural!! ..... BANTU - plural de - MUNTU - (do Kikongo)

Apesar da minha correção, existem pesquisas que dizem que o povo ZULU, usa o prefixo "ABA" para designar plural..... Ou seja.... ABA + NTU = ABANTU.....

### MÁSCARAS (MUKANGE ou MUKANGILA)

Irmãos e amigos de cultura e crença venho através desta postagem falar um pouco das questões que se referem aos cerimoniais de sala, principalmente no que diz respeito às vestimentas e paramentos de nossos Minkisi e gostaria também de falar um pouco sobre o assentamento (Kuxikama/Mbenge) do Nkisi.

Desde a implantação das primeiras casas de culto Bantu Kongo e Ngola no Brasil, a mais de 120 anos atrás, nossas raízes sempre estiveram ligadas direta e indiretamente com outras tradições e culturas, principalmente com a nação Nagô/Yorubá Ketu. Essa ligação começou e ainda se encontra presente em nossas casas, por vários motivos, o principal creio eu, foi que os negros de origem Bantu chegaram a nosso continente quase 200 anos antes que os negros de origem Nagô/Yorubá.

Por terem chegado bem antes, a “desafricanização” dos Bantu ocorreu de uma forma quase que natural, não só da sua essência religiosa, como também em outros fatores de suas vidas.

Já com os negros Bantu desafricanizados e muitos deles por imposição de seus senhores, foram obrigados a aderir ao cristianismo e com a chegada dos Nagô/Yorubá, já com a escravidão de uma forma mais “branda”, os Nagôs tiveram como implantar suas tradições e culturas religiosas de uma forma mais forte e abrangente.

Pois bem, esse seria um dos fatores que fizeram com que o candomblé de Ketu sobressaísse ao candomblé Kongo/Ngola e que quase de uma maneira total se fizesse presente e necessário nas casas (jinzo) de culto e tradição Bantu, pois os próprios descendentes dos negros Bantu, já haviam perdido muito de seu culto religioso e permitiram que a culto religioso Nagô fosse necessário dentro de suas casas, com isso muito de seus fundamentos, foram abraçados e utilizados nas casas de culto Ngola e Kongo.

Além das línguas, comidas, fundamentos, louvações e também das próprias Divindades,

o candomblé Kongo/Ngola também acabou utilizando-se das vestimentas e paramentos que haviam sido implantados aqui mesmo no Brasil nas casas de cultura Nagô/Yorubá, como também os antigos sacerdotes de Ngola e Kongo aderiram às louças européias, que também teriam sido implantadas aqui no Brasil nas tradições Nagô/Yorubá, como até nos dias atuais continuam sendo utilizadas nas casas de Ngola e Kongo.

Falarei primeiro sobre as questões das máscaras (Mukange ou Mukangila), vestimentas e paramentos e depois sobre a elaboração de nossos assentamentos (Jimbenge).

Sabemos que tanto os Minkisi dos povos Bantu quanto os Orixás (Orisá) dos Nagô/Yorubá em seus rituais em África, quando as Divindades tomavam através de possessão seus filhos, suas vestimentas eram muito diferentes das que foram implantadas aqui no Brasil.

Usavam poucos tecidos (panos), vestindo suas Divindades viradas em seus filhos com elementos naturais, cobrindo grande parte do corpo com folhas, ervas, palhas de palmeiras, couro de animais como búfalos, antílopes e etc... usavam também ornamentos como: búzios, favas, pequenas pedras (terracota), corais e etc.

Aqui no Brasil, no final do século XIX e começo do XX, os antigos sacerdotes de tradição Nagô/Yorubá da nação Ketu implantaram em seus cultos lindas vestimentas de finos tecidos, metais e ornamentos exuberantes imitando coroas. Seus Orixás (Orisá) usavam e ainda usam longas saias de tecidos brilhosos oriundos do modismo europeu da época, que chegou à sociedade baiana.....

Com isso também o candomblé de Kongo e Ngola, que já sofria com a forte influência Nagô também aderiu a essa implantação.

Todos nós sabemos que as máscaras fazem parte da cultura do povo Bantu, digo fazem porque até hoje existem cultos em aldeias e vilas afastadas das grandes cidades em África Bantu.

Muitos não concordam com o uso das máscaras aqui no Brasil, pois dizem que as mesmas não atravessaram o Atlântico..... Eu pergunto, e as longas saias, adês e filás, os paramentos em metais vieram da mãe África?? É claro que não..... Foram implantados aqui no Brasil.... E, se foram implantados pelos antigos sacerdotes, porque não podemos implantar as máscaras substituindo os adês, filás e coroas de metais, pois além de serem feitas e confeccionadas com elementos naturais, são de origem e tradição dos nativos Bantu.

Falarei um pouco sobre a confecção e fundamentos das máscaras de tradição Bantu .....

Não são todas as tribos de origem Bantu, que fazem o uso das máscaras em seus rituais religiosos.

Temos conhecimento que as tribos mais antigas a fazerem uso das máscaras são os

Tchokwe, mas as tribos Ambundo que são os atuais Angolanos e os Bakongo (Kongo) também as utilizam.

Quando nos referimos às questões das máscaras religiosas dos nativos Bantu, entramos numa questão séria, responsável, envolta em fundamentos e também num universo fascinante!

As máscaras são usadas pelos Bantu somente quando estão tomados em posseção por seu Nkisi, elas não podem ser usadas de forma alguma pela pessoa sem que a mesma esteja virada (incorporada) em sua Divindade.

Existem dois tipos de máscaras para cada Nkisi, uma é confeccionada para ser usada a partir da iniciação religiosa do indivíduo e sempre que estiver virado (incorporado) em sua Divindade, e a outra é confeccionada após a morte do indivíduo, e usada nos rituais fúnebres da pessoa, ou seja, as duas máscaras são usadas nas circunstâncias mais importantes da existência do indivíduo bantu, no seu nascimento (iniciação para seu Nkisi) e em sua passagem para o plano espiritual (morte do corpo físico).

As máscaras são elaboradas e confeccionadas em lugar próprio, chamado de Kubata Mukangila e seu encantamento (kalubungu) é feito através de sacrifício animal.

O material natural que é usado em sua confecção é diferente para os Minkisi masculinos e para os Minkisi femininos, são usadas cascas de determinada árvore, que também existe no Brasil (oriunda da África Bantu), e faz-se o uso da cabaça também.

Cada Nkisi possui um determinado tipo de máscara, onde seu semblante representa o caminho do Nkisi, ou seja, o que o Nkisi representa para o ser humano, pois sendo a Divindade um elemento da própria natureza não tem forma e nem face humana e a máscara faz esse papel, por exemplo: a máscara de Nkosi, possui um semblante feroz, representando o leão, o guerreiro implacável em suas ferozes batalhas, já a de Mutakalambo, possui a característica do caçador, do astuto e assim por diante.....

Representando para os homens os caminhos que cada Divindade representa no Universo!

As pinturas das máscaras são feitas com tinta vegetal e trazem através da pintura toda essa representatividade.

A máscara que é usada no ritual fúnebre do indivíduo, o seu encantamento (kalubungu) não é feito através de sangue animal (pois o sangue representa a vida).....

Ela é confeccionada somente após a morte do indivíduo e seu encantamento é feito através de folhas (isaba) piladas, pena (Kisala) de determinada ave, que são trituradas e queimadas e também são usados em seu encantamento determinados pós sagrados (Mafu) que são ralados de algumas favas e sementes.

Após o término do ritual fúnebre, a máscara não acompanha o corpo no sepultamento, tendo em vista que ela será levada para uma palhoça (Kubata) especial, onde se cultuam os espíritos dos antepassados.

Falarei um pouco sobre os assentamentos.....

Também foram implantadas na nossa Mbutu (nação) as louças européias, em nossos assentamentos (Jimbenge plural de Mbenge), que também foi uma implantação Nagô/Yorubá ocorrida aqui no Brasil, sendo que as louças são oriundas da Europa e não têm nada a ver com o culto aos Minkisi, pois o culto dos negros Ngola/Kongo Bantu, antecede a descoberta das louças, além de que se trata de uma visão machista do final do século XIX, associando às Divindades femininas com a mulher (pessoa/gente) e fazendo-se a ligação da mulher com a cozinha, razão pela qual encontramos pratos de louças e colheres de pau nos assentamentos.

Na África Bantu, a elaboração dos assentamentos são feitos com elementos naturais, ou seja, retirados da própria mãe natureza (Mam'etu Utukilu).

Nossos assentamentos são elaborados no barro, em madeira e cabaças, forrados e cobertos com folhas (Isaba) conforme a Divindade que está sendo assentada.

É dispensável o uso de qualquer coisa que não seja de origem natural, é usado o elemento ferro, em sua forma natural (pedra de ferro), não o forjado pelo homem. Também é usado a pedra do raio, que é formada através da descarga elétrica natural (raio) ao tocar o solo, pois também sabemos que a cultura religiosa Bantu é muito anterior a descoberta do ferro, metais e latões.

Pergunto aos irmãos, se esses elementos como o prato, o ferro forjado, colheres de pau foram adaptados à religião aqui no Brasil, porque não podemos fazer uso em nossos assentamentos de elementos naturais que nos são dados pela própria criação de Nzambi Ampungu e também fazem parte verdadeira das tradições religiosas dos nativos Bantu??

Por todos esses anos, que nossas nações Ngola e Kongo viveram à sombra da cultura Nagô/Yorubá Ketu, perdemos muito.

Hoje no Brasil, setenta por cento das casas de candomblé são de origem Nagô/Yorubá Ketu e muitas casas que se dizem Angola, na verdade são casas de Ketu com uma placa escrito Nação Ngola.

Não quero de forma alguma ser diferente e muito menos criar uma nova raiz, a minha luta e minhas pesquisas se dão a favor de um candomblé sem misturas, onde em uma festa (Kizomba), as pessoas que adentrarem possam diferenciar de imediato se estão em um culto de Ngola ou em um culto de Ketu.

Sei que se isso chegar a acontecer, será para gerações futuras e isso para mim é o que importa!!!!

Obs: Referente às máscaras, apesar de ter plena convicção que as mesmas fazem parte das tradições e cultos religiosos dos povos Bantu (em África), não faço uso das mesmas, pois como a maioria dos sacerdotes das nações Angola ou Angola Congo, sigo os costumes da casa em que fui iniciado. Sou um admirador e pesquisador das mesmas, mas infelizmente as casas matrizes de nossas nações não fizeram em seus inícios o uso das máscaras em seus cultos, portanto não faz parte da tradição das casas matrizes em nosso país.

A única casa no Brasil que tenho conhecimento que faz uso das máscaras em seus cultos, é a casa do Tata Katuvanjesi, em Itapecerica da Serra.

### **DIFERENÇAS ENTRE OS MINKISI (plural de Nkisi) DAS CULTURAS E TRADIÇÕES BANTU E OS ORIXÁS (Orisá) DA CULTURA E TRADIÇÃO NAGÔ YORUBÁ.**

Irmãos(a) irei tentar mostrar as diferenças que existem entre Nkisi e Orisá, além das diferenças comuns, normais como tradições, culturas, costumes, cultos e fundamentos religiosos, línguas e também as diferenças geográficas que existem entre as regiões (países) dos povos Bantu e Nagô/Yorubá no grande continente Africano.

Além dessas citadas acima, existem também as diferenças diretas entre as Divindades Nkisi e Orisá que falarei à seguir:

Primeiro falarei sobre os Minkisi (Mahamba - Divindades) da cultura e tradição religiosa dos povos bantu, pois será a base do tema.....

Os povos bantu de uma maneira geral, cultuam suas Divindades (Mahamba) de uma forma mais simples e natural, que se difere de outros povos, pois as Divindades adoradas, louvadas e cultuadas pelos bantu são os próprios elementos da natureza, ou seja, a própria Divina Natureza.

As Divindades em seu estado natural, na própria natureza (estado bruto) são chamadas de Hamba (plural Mahamba) até serem, através de rezas (Jingorosi) e fundamentos (Kitungu) trazidas para o nosso meio, para serem iniciadas na cabeça (mutuê) do filho (mona) e no assentamento (kuxikama//kunda), onde a mesma será cultuada e seu filho nascerá novamente para ela, fazendo-se uma concentração e ligação direta de energias entre o filho e o assentamento de sua Hamba.

No processo de iniciação, essa Hamba passará a ser conhecida e cultuada como Nkisi, pois não está mais em seu estado bruto, natural... já está ligada ao seu filho iniciado para ela (muzenza) e no assentamento onde estará ligada através de todo o processo de fundamento (Kitungu) e obrigação (Mbebe) que foi destinado e elaborado naquele recipiente.

As Divindades bantu não tiveram passagem pela Terra e nem tão pouco forma humana, são a própria natureza com seus elementos como a chuva, o barro, a terra, as folhas, as

pedras, a pedra de ferro, a pedra de raio, as raízes das plantas, as plantas, o vento, o fogo, o raio, o ar, as fontes naturais, as nascentes de água, as mudanças naturais de temperatura e de tempo, a água, o mar, a larva vulcânica, e etc....

As línguas faladas pelos povos bantu são muitas, mas no Brasil as que mais tiveram destaque nas Jinzo (casas) religiosas de culto Kongo Ngola são o Kikongo, originária dos povos Bakongo da região do Kongo (Congo) e o Kimbundu, originária dos povos da região de Ngola (Angola), principalmente acima do Rio Kuanza (Cuanza), ao redor de Luanda.

Falarei também das outras línguas e seus respectivos domínios territoriais, como por exemplo: Ajaua (Moçambique, Malauí e Zimbábue), Bemba (Zâmbia), Kuanhama (Sudoeste Africano-Angola, Namíbia), Ganguela (Fronteira leste de Angola, oeste de Zâmbia), Iaka (Zaire-Kuango, Casai), Língala (Congo, antigo Zaire e outras áreas da África central), Makua (Moçambique, entre o Rovuma e a Lurio), Nhungue (Moçambique), Nianja (Moçambique, Malauí, Zimbábue), Kioko e Luvate (Chokwe, Leste de Angola), Suaile (Tanzânia, Zanzibar, Moçambique), Sutho (África do Sul), Tonga (Moçambique, Zimbábue), Umbundu (abaixo do rio Kuanza, principalmente na região de Benguela), Shona (Moçambique, Zimbábue e Botsuana), Zulu (África do Sul, Botsuana) e outras.....

As nações Congo e Angola no Brasil, em termos religiosos, ficaram por muito tempo com a influência do culto Nagô/Yorubá, como até hoje existem muitas Jinzo (casas) de Angola que continuam com essas misturas “nagotizadas”, usando costumes, nomes, línguas, comidas, vestimentas das culturas e tradições Nagô.

A Mbutu (nação) Angola Bantu têm suas próprias tradições e culturas, entre essas suas próprias vestimentas e principalmente as vestimentas de suas Divindades.

A cerca de dez anos, vem sendo feito um trabalho sério por algumas pessoas, do resgate dessas tradições e hoje já vemos em algumas casas de Ngola ou Kongo Ngola, Divindades (Minkisi/Jinkisi) vestidas conforme suas próprias tradições e costumes.

Até mesmo o adjá, instrumento de chamada através de seu som, pertence à cultura Nagô, o nosso instrumento de chamada através de som é o Kaxixi, chocalho cerimonial feito de coco ou cabaça com sementes e favas dentro, que tem um som menos agudo que o adjá Nagô.....

Por isso, meus irmãos e irmãs digo que são culturas e tradições muito diferentes e não há possibilidade alguma do culto das duas nações em uma única inzo (casa).

A nação Nagô Yorubá - Ketu, cultua seus Orisá de uma forma mais “humanizada”, pois seus Deuses em algum momento de suas existências, tiveram passagem na Terra em forma humana, muitas vezes vistos ou imaginados como heróis, com suas lendas e histórias ....

Sua língua é o Yorubá e a maioria dos negros Nagô que chegaram ao Brasil, vinham principalmente de Benin, hoje Nigéria.

Seus Orixás (Orisá) se vestem com roupas e paramentos de muita beleza e exuberância, com seus adês, filás, coroas, espelhos, armas e indumentárias de extrema beleza, bem diferente dos Minkisi bantu, pois suas vestimentas são confeccionadas com panos mais simples e menos chamativos, com indumentárias naturais, como favas, cabaças, ervas, chifres de animais e etc....

As armas são feitas de madeira, pois o culto aos Minkisi antecede a descoberta do ferro e as chapas de latões e alumínio....

Em África Bantu, nossos Minkisi usam máscaras para encobrirem o rosto de seus filhos, quando estão tomados por eles, pois sendo eles elementos da Divina natureza, não possuem face humana, motivo pelo qual cobrem a face do filho.....

Os assentamentos (Kuxikama//Kunda ou Mbenge) dos Minkisi de tradição Bantu, são implantados no barro, cabaça ou madeira ..... pois os cultos para as Divindades de origem Kongo Ngola são anteriores à descoberta das louças européias..... Assim sendo, a tradição religiosa dos povos bantu, não faz uso de nada que não seja de origem natural  
.....

Obs: Referente às "MÁSCARAS" (MUKANGE), apesar de ser de tradição dos povos Bantu, não faço uso das mesmas, pois como a grande maioria dos sacerdotes das nações de Angola ou Congo Angola, sigo as tradições de minha casa matriz!

Hoje no Brasil, tenho conhecimento de apenas uma casa (inzo), que faz uso das máscaras em seus cultos, a casa do Tata Katuvanjesi (Itapecirica da Serra).

Sou um admirador e estudioso do culto das máscaras, mas pela tradição sigo os costumes da casa em que fui iniciado e na casa de minha mãe, as máscaras não fazem parte de seus cultos.

### **AKUA UKULU - CULTO AOS ANTEPASSADOS.....**

Quando nos referimos ao culto da ancestralidade ( Njimu Akua Ukulu ), estamos versando sobre a ancestralidade genealógica, uma referência aos antepassados, intrinsicamente envolvidos nos contextos da cultura Bantu, em especial dos povos Tchokwe, Backwe, Kockwe, Kasanji, Baiolo, Benguela, Luba, entre outros.

Todo e qualquer ritual de ancestrais ( Pangu Ia Mukulu), tem cunho de caráter religioso, entretanto, não é separado o que é material do que é espiritual, de modo a permitir a criação de um elo de ligação entre os dois planos existenciais, de forma que sendo os antepassados cultuados estarão sempre sendo lembrados e reverenciados, assim serão evitadas tristezas por parte dos mesmos que passarão a livrar seus consanguíneos de doenças (Inkita), depressões (Banzo), dos prejuízos na lavoura, na falta de alimentos com a escassez da caça, da morte (Iefa), etc...

Diferencialmente dos cultos Yorubá, o NJIMU AKUA UKULU, não traz nenhuma referência com o culto de BABÁ EGUNGUN, tendo em vista, que dentro dos rituais bantu, estes são cultuados no NJIMU IA NNUMBI (culto de morto), pois, segundo a cultura Bantu, quando os MUKULU (ancestrais genealógicos) são plantados e reverenciados, seus espíritos continuam habitando a aldeia como se vivos estivessem e se reverenciados estarão felizes, de modo que seus TSHIPUPU (fantasmas ou aparições) não surgirão para causar transtornos àqueles que ainda permanecem encarnados.

Os MUKULU BANTU, recebem seus cultos quase que invariavelmente na parte mais posterior das aldeias, isto é, mais ao fundo, onde em suas KUBATA recebem seus JIMBENGE (assentamentos) que são feitos em troncos rituais secos, que são enterrados no chão, onde recebem pós substâncias sagradas (Mafu), folhas (Jinsaba), favas (Jinimo), cascas secas de determinadas árvores que servem de culto às Divindades, sacrifícios animais, dentro de um ritual apropriado e diferenciado dos rituais para Minkisi, depois estes troncos recebem uma roupagem colorida, são adornados com pequenas cabaças (Jimbinda) e na parte superior do tronco é fixada uma peneira de palha (Oropemba) com a parte côncava voltada para baixo, sendo esta oropemba também enfeitada com pequenas cabaças que podem ser pintadas com tintas vegetais.

Não podemos confundir de modo algum, o Mukisi//Nkisi de um sacerdote ou sacerdotiza falecidos como integrante do culto de AKUA UKULU, na verdade o espírito do morto tem direito a esse tipo de culto e assentamento, entretanto, a Divindade do morto ou morta será alojado em um compartimento denominado NZO KALUNGANGOMBE e sendo o falecido ou falecida os cabeças da casa, isto é, os donos, suas Divindades passam a receber o título de MUKISI MUKIDIADIME (divindade mais velha), recebendo reverências e tratamentos idênticos aos demais Minkisi, embora seja respeitado um período após o falecimento da pessoa, para que possa ser retomado o culto àquela Divindade.

Dentro do princípio do culto de AKUA UKULU, pessoas que em vida colaboraram para o crescimento da aldeia, tiveram grande elo de amizade, realizaram grandes ou bons feitos, além daquelas que possuíram grau de parentesco consaguíneo ou não, devem ser reverenciadas dentro do culto, sendo obedecido um sistema hierárquico.

SOBA e MULOJI - Rei ou feiticeiro que zelaram para o bem estar dos aldeões;  
KUBAMA, NTABI, NGANGA A NGOMBO, MUZAMBU - Sacerdotes dos oráculos que prestaram bons serviços em prol da aldeia; KIMBANDA - Espíritos de curandeiros que zelaram pela saúde comunitária, tanto física como espiritual; MUKURUNTU - Espíritos de pessoas velhas e sábias que de modo geral contribuíram para o bem estar da aldeia. Durante a realização dos cultos dos ancestrais, os MUKU, plural JIMUKU (espíritos dos mortos), podem surgir em aparições ou materializações, neste último caso, quando femininos são colocadas máscaras denominadas de MWANA PWO e quando masculinos, as máscaras recebem o nome de MUKANGE, pelo fato de que seus rostos não podem mais ser vistos pelos vivos.

O culto aos antepassados é uma tradição dos povos bantu, que faz manter viva e acesa a chama de toda ancestralidade da MBUTU e da NDANJI, portanto, nunca deve ser negligenciada, entretanto, os sacerdotes devem possuir os conhecimentos necessários a realização dos rituais inerentes a este culto, pois, caso contrário pode causar problemas muitas vezes irreversíveis.

### **Makuiu, Mokuuiu, Mokouiu ou Mukuiu???**

Vemos diversas formas do pedido de benção!

Postarei aqui, a forma que uso e direi o porque.

Uso o termo MAKUIU....

MAKU = MÃOS (do Kimbundu)

IU = PRONOME - ESTE, ESTA

A palavra Makuiu Nzambi tem o significado e sentido de "Estas mãos te abençoam por Deus, em nome de Deus".

Maku ou Makuaku = mãos, braços

Maku a Kiasu = mão esquerda

Maku a Madilu = mão direita

Máku ..... = menstruação

Nguzu Kandandu

### **UAFUZA KUIZA.....**

Termo que pode ser traduzido como o “ Vaivém da morte” correspondendo com algumas diferenças ao conceito de ABIKU dos yorubás.

Inúmeras credices absurdas foram criadas a esse respeito, sofrendo uma adaptação no absoluto desconhecimento de sua fundamentação original sendo comum encontrar-mos pessoas que afirmam convictamente, serem UAFU-ZA-KUIZA ou ABIKU, como queiram dizer.

Para ilustrar essa ignorância, criaram em torno do fenômeno histórias como as que seguem:

- 1) A mãe da pessoa morre no parto
- 2) A mãe durante a gravidez, foi submetida a uma iniciação
- 3) O Uafu-Za-Kuiza é sempre o caçula

- 4) Quando nasce gêmeos e um morre
- 5) Uafu-Za-Kuiza é a Divindade da pessoa

Aí está relacionado um monte de bobagens e mentiras que merecem ser paradas por nós, nos próximos tempos, para evitar que as vítimas continuem a viver erroneamente, descrevo a seguir o verdadeiro conceito sobre o assunto, fundamentado em muitas etnias bantu, para a maioria dos povos africanos, os filhos representam o maior tesouro que o homem pode adquirir em sua passagem pela Terra, assim sendo, o fenômeno Uafu-Za-Kuiza, tanto quanto o Abiku para os Yorubás, são considerados como verdadeiras maldições nas medidas em que privam o ser humano de adquirir uma prole. Estes povos crêem na imortalidade do espírito e acreditam na reencarnação de forma um tanto quanto diferenciada da filosofia adotada pelas culturas orientais.

Enquanto os yorubás visualizam a reencarnação dos espíritos das pessoas mortas em qualquer idade, para os nativos Bantu (Ngola-Kongo), somente os espíritos infantis podem reencarnar, mantendo a crença de que só se reencarnarão em uma pessoa de sua própria família, como explicarei adiante.

O terrível e insondável enigma do destino da alma depois da morte tem preocupado e continua a preocupar os homens de todas as raças, desde a existência dos primeiros seres humanos sobre a Terra, para os nativos de Ngola e Kongo, como para a maior parte dos povos bantu, a alma é o duo do homem, um ser de essência diferente, como KULUNJI (inteligência) que encarna KU MUKUTU ( no corpo).

Este nasce, morre e apodrece, enquanto o primeiro deixa o segundo no momento de expirar, é o MUIKUA (hálito quente), que se situa no sangue que está no coração e nos pulmões, órgãos motores e principais.

Saído do corpo, o MUIKUA (hálito quente), a fim de se dirigir ao seu criador, tomo o caminho, através de ribeiros e rios, que o conduzirá a SANZALA KASEMBE DIÁ NZAMBI ( Aldeia Encantada de Deus ), tratando-se do MUIKUA de qualquer criança, este será devolvido pelo NZAMBI (Deus) a fim de reencarnar de novo, no ventre da mãe ou de qualquer outra mulher da família que lhe seja destinada.

NZAMBI (Deus) pouco se importa com a vida boa ou má dos homens sobre a Terra, mas é ele quem fixa a sua existência no mundo dos vivos e o momento em que devem morrer, isto é, deixar a vida terrena para irem prestar-lhes contas do que aqui fizeram.

Todos os que tem MUXIMA PUEMA (bom coração), seja qual for a sua condição, ficarão na SANZALA KASEMBE DIÁ NZAMBI (Aldeia encantada de Deus), ali vivendo segundo a condição que tinham em vida, assim um chefe será sempre um chefe, mesmo depois da morte.

Os que tem MUXIMA UAIBA (mau coração), entre os quais os suicidas, os assassinos, etc. jamais terão entrada na SANZALA KASEMBE DIÁ NZAMBI (aldeia encantada de Deus), porque estes os devolverá ao nosso mundo para sofrerem determinadas punições.

Estes espíritos, sem forças para encarnarem em seres humanos, serão transformados em

espíritos malignos.

Outros, serão condenados a viverem em qualquer animal irracional sendo que, uma vez nascidos, viverão na mesma espécie eternamente em sucessivas reencarnações.

Há porém, alguns deles que, por não se conformarem com tal destino se integram a DIANDA (sociedade) de UAFU-ZA-KUIZ (Abiku dos yorubás).

Integrando-se nesta sociedade, os espíritos UAFU-ZA-KUIZA, também conhecido como UFUNJE, estabelecem um pacto com MULUNGI MUJIMU (ventre ruim), condicionando sua permanência a determinada exigência da líder.

Após o pacto formalizado, espíritos, ficam determinados a provocarem as mortes das crianças em que estejam encarnados, ou seja, provocam seus próprios abortos, fazendo com que as mulheres por eles possuídas tenham um ventre ruim, segundo a tradição, estes espíritos têm o mesmo tamanho de um recém-nascido, com o corpo de homem, costumam se reunir em MPAKU (toca) de determinadas árvores, situadas em caminhos que levam as aldeias, a passagem de uma mulher de corpo aberto, ou seja, em fase de menstruação, é por ele esperada e, através da abertura, instala-se em seu útero e aguarda ali que ocorra a fecundação, alojando-se no embrião, dando início a encarnação que, com certeza, será interrompida antes de completar os nove meses de gestação.

A circunstância de sucessivos abortos faz com que, os casais procure o NGANGA-A-NGOMBO (Adivinhador), contactada a presença de um UAFU-ZA-KUIZA, a mulher atingida, será encaminhada a um KIMBANDA (Curandeiro/Feiticeiro) especialista no MUSAXI, culto específico a UAFU-ZA-KUIZA, em companhia do KIMBANDA MUSAXI e do NGANGA-A-NGOMBO, a mulher é submetida a uma série de procedimentos ritualísticos que visam garantir o nascimento de seu próximo filho, não por intermédio da expulsão do espírito alojado em seu útero, mas através de concordância em nascer e continuar vivendo no corpo gerado.

Para fixar esse espírito e garantir o nascimento da criança, o KIMBANDA MUSAXI, auxiliado pelos TUPELE divinatórios do NGANGA-A-NGOMBO, através de rituais precisos, saberá o dia em que ele deveria morrer, dando-lhe um nome sugestivo de permanência aqui na Terra, nome este que renega a morte, e o que é principal, quebra a KIJILA (abstenção) deste UAFU-ZA-KUIZA, ou seja, formaliza um novo pacto, cortando definitivamente, sua ligação com a líder MULUNGI MUJIMU (ventre ruim).

O novo pacto formalizado, consiste em dar forças ao espírito, que reencarnado no embrião, nascerá como qualquer criança e viverá no período correspondente a média normal de vida humana.

Ao nascer, a criança é submetida a outros rituais, coloca-se em seus tornozelos TUELELE (tira de pele com pequenas campânulas metálicas) e, uma pequena incisão é feita em seu corpo, sendo através dela introduzido o MAFU (pó sagrado) este mesmo pó é colocado dentro de um amuleto denominado de KAPURI que será pendurado no pescoço da criança e usado até a idade em que possa atender a voz de comando de seus pais, ou até nascer um irmão.

Este espírito que no passado não alcançou o reino de NZAMBI (Deus), terá uma nova chance de ser eleito, se fizer por merecer.

Do contrário estará perdido, transmigrará para qualquer animal em gestação onde viverá eternamente em sucessivas reencarnações, ou será devorado por MULUNGI MUJIMU (ventre ruim) que, com certeza, cobrará pelo rompimento do pacto com ela estabelecido.

Esta criança após ter sido tratada e tiver que ingressar no caminho do NKISI terá que se submeter a toda iniciação como qualquer outra pessoa, ou seja, será raspado e no futuro poderá assim iniciar outras pessoas.

O UAFU-ZA-KUIZA não pode e nem deve ser tratado como um privilegiado, vamos dizer NÃO ao tratamento que se dão ao UAFU-ZA-KUIZA em nosso meio, isto é, feito na atualidade por total desinformação, ignorância e desonestidade por parte de alguns zeladores.

### **OBRIGAÇÃO (KITUMÍNU ou MBEBE) DOS CULTOS (JINJIMU) AFRO BANTU!!!**

Kusaká ou kenza Xinisa = Sacudimento, limpeza

Xinisa = Expulsar, expelir (Semelhante ao Ebó Nagô)

Kubula = Sacudir, limpar, purificar (do Kikongo)

Batuila Musati = Ato do sacrificio animal

Batuila = Corta para.....imperativo de kubatuila

Musati = Sacrificio, sacrificar

Batula = Corta..... imperativo de kubatula

Betula Mbebe = Levantar obrigação

Betula = Ergue, levanta, suspende (imperativo do verbo kubetula)

Nkudiá o Mavu = Comida à terra (do Kimbundu)

Dia Iungo = Comida à terra (do Kikongo)

Kibane o mutuê = Oferta à cabeça

Nkudiá o mutue = Comida à cabeça (São semelhantes ao Bôri Nagô Yorubá)

Ukalakele Nkisi = Feitura de Santo (Divindade)

Dizúngu Kilumbe Nkisi = Saída de Santo (Divindade)

Kizuí Dijina = Dia do nome

Kiménga = Dia das oferendas, ofertas

Kitumínu kiá movu umoxi = Obrigação de um ano

Kitumínu kiá mivu itatu = Obrigação de três anos  
Muvu = Ano.....plural ... Mivu = anos

Kitumínu kiá mivu sambuadi = Obrigação de sete anos.....  
Nessa obrigação, conforme a Divindade da pessoa pediu, entrega-se os direitos =  
Kutambula Ntanda ..... Também se usa a expressão "KUIA" que tem o significado de  
"ir,"pronto para seguir seu próprio caminho.....

Kitumínu kiá kuiini ni uana dia mivu = Obrigação de quatorze anos

Kitumínu kiá makuiniadi ni moxi na mivu = Obrigação de vinte e um anos

Mukanda = Ritual de circuncisão

Pangu Kumbaritokwe = Ritual fúnebre

### CARGOS E TÍTULOS DO CULTO BANTU (IJINGU NI KIJINGU IA NJIMU BANTU)

Falarei de alguns cargos e títulos, que geralmente são dados pelo Nkisi dono da casa  
(N'zo ou Inzo).

Kambundu (Plural Tumbundu)

Tata Pokó = Pai da faca...

Esse título é dado ao Kambundu que foi confirmado para o cargo. E sua cabeça (mutue)  
pertence à Divindade Nkosi, pois esse Nkisi é dono da faca e de todos os instrumentos de  
corte, como: foice, enxada, navalha, tesoura, punhal, espada, alfanje e etc....

Tata Kivonda ou Tata Musati = Pai sacrificador, aquele que sacrifica.

Esse título é dado aos Tumbundu que foram confirmados para o cargo e sua cabeça não  
pertence à Divindade Nkosi, ou seja, o filho pertence à outra Divindade.

Nsika ia ngoma (Xikarangoma) ou Muxiki = Tocador de tambor, também podem ser  
chamados de Tata Ngoma = Pai do tambor.... São responsáveis pela guarda, pelo trato e  
pela conservação dos Jingoma (Tambores)

Tambor na língua Kimbundu = Ngoma ou Tambolu

Tambor na língua Kikongo = Duku ou Kivoloko

Tata Ngimbi = É o pai responsável pelas cantigas sagradas (Mimbu Nzambiri) dos  
Minkisi.

Tata Kanzumbi = É o responsável por sacudimentos (Kusaka), carregos e de zelar pela

Nzo (casa) do guardião do candomblé. Também tem a responsabilidade pelos rituais fúnebres.

Tata Kisaba = É o responsável por tudo que é ligado às Jinsaba Nzambiri (Folhas Sagradas)

Tata Mafu ou Tata Nfunfu = É o pai responsável pelos pós sagrados.

Kota ou Dikota (plural Makota)

Kota Nvanji ou Kota Kusasa = Tem a função e a responsabilidade de cuidar e zelar do filho (mona) iniciado (muzenza). É encarregada dos ensinamentos, como: rezas, cânticos e danças, prepara o muzenza para as obrigações.

Kota Rifula ou Kota Mulambi = Tem a responsabilidade de fazer e preparar as Makuriá Nzambiri (Comidas Sagradas) para as Divindades.

Kota Mbakisi = Tem a responsabilidade de cuidar dos Minkisi nas vestimentas e no preparo. Também tem a função de dançar com as Divindades

## **UM POUCO DA HISTÓRIA DA CHEGADA DOS POVOS BANTU NO BRASIL!!!**

Os primeiros escravos africanos a chegarem no Brasil foram os negros de origem Bantu.

Chegaram por volta de 1560, trazidos da África Sul-Equatorial, em sua grande maioria vinham de Ngola (Angola), do Kongo (Congo), Costa do Golfo da Guiné, Moçambique e Zimbábue.

Falavam a mesma língua, porém traziam com eles muitos dialetos cerca de 270, representando 2/3 do continente africano, chamado de África Negra.

Citarei algumas dessas línguas faladas pelos negros de origem Bantu: Ajaua, Bemba, Kuanhama, Ganguela, Iaka, Lingala, Makúa, Nhaneka, Nhungue, Nianja, Kikongo, Kimbundu, Kuinguana, Kioko, Ronga, Suaíle, Sutho, Tonga, Umbundu, Yangana, Shona, Zulu entre outras.

A língua Kimbundu (originária dos povos Angolanos- Ngola ) e a língua Kikongo (originária dos povos Bakongo- Kongo ) são as mais usadas nos templos religiosos de cultura e tradição Ngola Kongo no Brasil.

As letras “C” e “Q” não fazem parte dos vocabulários Kimbundu e Kikongo, são substituídas pela letra “K”.

Toda palavra de origem Kikongo que começa com a letra “N” ou “M” tem o som “nasal” de “UM”, como por exemplo: leão = Nkosi (Unkosi), Deus = Nzambi (Unzambi), casa = Nzo (Unzo).

Desde a captura dos negros em sua terra natal até o transporte para o novo continente (Brasil), os negros Bantu já eram submetidos a condições sub humanas, dentro dos porões dos navios, sendo tratados como se fossem animais selvagens e muitos deles já padeciam antes mesmo de chegarem ao seu destino (Brasil).

Ao chegarem no Brasil, principalmente no nordeste e com maior volume na Bahia, sua situação não era nada diferente, pois era o início da escravidão no Brasil e os negros trabalhavam à base de chibatadas e de grilhões, não tinham tempo para fazer nada, como praticar sua crença ou qualquer outra atividade sem ser o trabalho escravo.

Além desse tratamento animalesco, os negros Bantu também eram obrigados à adorar os Santos de seus senhores, ou seja, os Santos Católicos, sendo assim suas próprias crenças, culturas e tradições foram deixadas de lado.

Dois séculos depois da chegada dos negros Bantu, chegaram ao Brasil os negros Nagô, oriundos principalmente de Benin, hoje Nigéria.

Trouxeram com eles seus costumes, seus cultos, suas tradições, seus Orixás (Orisá) e seu idioma, o Yorubá.....

Por terem chegado em uma época que a escravidão já se encontrava em uma situação mais amena, pois já existiam grupos de pessoas brancas lutando pelo fim da escravatura, até os senhores de engenho já usavam escravos dentro da casa grande para fazerem serviços mais leves, como limpar a casa, cozinhar, servirem seus donos como uma espécie de garçom e usavam as negras para alimentar seus próprios filhos com o leite materno.

Os negros de origem Nagô sobressaíram aos negros Bantu com sua cultura, tradição e religião, pois os negros de origem Bantu já estavam em sua terceira geração aqui no Brasil e já estavam “desafricanizados” por seus senhores e muitos deles que haviam nascidos aqui, já se diziam “católicos”, ficando ao esquecimento sua própria tradição, cultura e religião.

Já os Nagôs que chegaram bem depois numa situação mais favorável a eles, conseguiram manter suas raízes mais fortes e puras.

Esses fatos foram de suma importância para os negros Nagô Yorubá, pois fizeram com que suas tradições religiosas se sobressaíssem sobre as dos Bantu.

No final do século XIX e começo do século XX, foram fundadas em Salvador – BA, as primeiras casas de culto religioso africano no Brasil, tanto de tradição Nagô/Ketu como de tradição Bantu (Ngola e Kongo).

Os templos Nagô Yorubá, tiveram muito mais destaque que os de cultura Bantu, pois muito da cultura e tradição Ngola Kongo, já havia se perdido com o tempo, fazendo com que os antigos sacerdotes de cultura Bantu, buscassem auxílio nas casas de cultura Nagô Yorubá- Ketu , dando-se assim, o início da mistura entre as nações.

Fazendo com que as casas de tradição Ngola Kongo ficassem “Nagotizadas” em um culto envolvido com misturas das duas nações.....

Jami jipange ni makamba ia njimu ni kuxikana!!  
(Meus irmãos e amigos de culto e crença!!)

A mais de dez (10) anos, existe um grupo de pessoas entre elas Jinganga (Sacerdotes), arqueólogos, pesquisadores e pessoas de boa vontade, em um trabalho árduo no resgate das tradições e culturas do culto religioso dos povos Bantu, Kongo e Ngola.....

Nossa intenção não é criar uma nova cultura ou uma nação diferenciada da que existe, o único propósito é termos uma religião onde o culto aos nossos Minkisi (Divindades) e aos nossos antepassados, seja feito sem nenhuma interferência de outras nações.

A nossa Mbutu (Nação) é plena, com nossas tradições, culturas, Divindades, vestimentas, comidas, línguas, rezas, cantigas e etc....

Não precisamos de nada que não venha de nossa própria tradição, como também as outras nações não precisam de nada que não venham delas mesmas.

Por isso irmãos, peço que reflitam..... Vamos nos unir para que tenhamos uma cultura religiosa plena em suas tradições, se errarmos..... o faremos tentando acertar dentro do que é nosso, não errar na sombra de outra cultura, que na minha humilde opinião é muito pior!!

Anga kifa kyetu mwenyu w'etu!  
(E nossa cultura é nossa alma!)

Sukula mbutu Ngola ni Kongo!  
(Avante nação Angola e Congo!)

### **NGOMBO - JOGO ADIVINHATÓRIO DOS POVOS BANTU!!**

O verdadeiro jogo de adivinhação da cultura Bantu se chama Ngombo e tem como seu Deus da adivinhação Nkukua Lunga, entretanto não existe um só tipo de Ngombo, citarei abaixo algumas formas de Ngombo, do culto Ngola Kongo Bantu.

NGOMBO IA SISUKA – realizado em um cesto de nome KASANA, feito com folhas de palmeira, onde diversos símbolos feitos com ossos e patas de animais, figuras de madeira denominadas de MAAMBA (representação de espíritos ancestrais), uma espécie de botões, artefatos de couro enfeitados com búzios, etc.... , que são lançados sobre uma esteira de folhas de palmeira denominada KISANA.

NGOMBO IA TIZUKA ou MWISHI – onde é utilizado um cabo de enxada ou de machado ou mesmo a mão de um pilão, que são rolados sobre uma porção de areia para

obtenção das respostas positivas ou negativas as perguntas que são feitas.

NGOMBO IA SISALO – uma espécie de haste de madeira onde são entalhados determinados símbolos, que em acordo com a posição frontal que ficam podem ser interpretados.

NGOMBO IA LIZUKA – realizado com dois pequenos bastões de madeira que são rolados sobre a areia, em resposta às perguntas positivas ou negativas e quando suas trajetórias se travam, a resposta é considerada conseguida, um sistema quase idêntico ao NGOMBO ia TIZUKA.

NGOMBO IA KATWA – feito com pequenas cabaças, que de acordo com a posição que ficam depois de lançadas ao chão sobre uma fina esteira, indicam respostas às perguntas realizadas.

NGOMBO IA LUSANGU - as respostas são obtidas através do agito de uma espécie de chocalho de madeira.

NGOMO IA MALIYA – espécie de uma estatueta de madeira que recebe um espelho no ventre, muito utilizada para representar o NKISI NKONDI dos povos do territórios dos MAKONDI, onde o feiticeiro ou olhador do NGOMBO recebe o nome de MUKANGA.

NGOMBO IA KAKUKA – as respostas são produzidas por uma estatueta de madeira toda entalhada com símbolos das MAAMBA que representa os ancestrais tribais, sendo uma das mais antigas formas divinatórias bantu.

NGOMBO IA MBINGÁ – adivinhação realizada com um pequeno pêndulo feito com chifre de búfalo, colocado a uma pequena distância de um painel riscado sobre a areia ou mesmo entalhado em madeira, onde os símbolos indicam as interpretações às perguntas.

NGOMGO IA MUINÁ – feito com peças esculpidas em chifre de búfalo, ITEKE (espécie de amuleto), MUKOTO (casco de alguns moluscos), MAKEZU (espécie de ogbi), DIDATÁ (semente espécie de orogbo), pequenas estatuetas de madeira chamadas de HOMBE e peças de couro adornadas com um tipo de botão e algumas vezes com búzios.

A divindade das práticas divinatórias dos povos de origem Bantu Kongo Ngola, chama-se N’KUKUA LUNGA, pertence ao grupamento das divindades dos cultos de MPANGU BAKURO (divindades ancestrais ligadas aos princípios da cosmogenia segundo visão dos BAKWE, THOKWE, BAKONGO e de algumas ramificações KASANJI).

Está intimamente ligada ao culto de uma divindade pouco conhecida aqui no Brasil denominada de MUKISI MAVU ( divindade geradora do barro ), portanto, seu MBENGE (assentamento) deve ser envultado no barro, recebendo folhas, sementes, pós

rituais, cereais, favas, etc... tendo ritual próprio para o sacrifício de alguns animais.

A imantação das peças símbolos dos JINGOMBO, é realizada com obrigações ritualísticas apropriadas que nem sempre exigem sacrifícios animais, mas indispensável é a preparação de pós ritualísticos que recebem além de alguns mineirais, favas, pós de folhas, pós de algumas penas torradas (KISALA), pembas, etc, ocasião em que são entoados alguns JINGOROSI.

Para que as práticas divinatórias se realizem, também é assentado um PAMBU NJILA que também é envultado em barro (argila) impregnada com várias substâncias apropriadas folhas, favas, pós rituais, etc... e sacrifícios animais.

Tanto o MBENGE (Assentamento) de NKUKUA LUNGA como de PAMBU NJILA, não recebem simbologias feitas em nenhum tipo de metal, uma vez que seus cultos antecedem a descoberta do ferro, seus cultos são milenares.

## **JINGOMA - TAMBORES!!**

Ngoma = Tambor = Atabaque ( Brasil ), da cultura Bantu Kongo / Ngola.

Ilú = Tambor = Atabaque ( Brasil ), da cultura Nagô Yorubá / Ketú, Djedje (Jeje), Efon.

Jingoma = Tambores ( plural de Ngoma ), em trio são provenientes da tribo Bantu Tchokwe, mas outras tribos da cultura Bantu como Nkongo, Ngola, Kioko, Shona, Moçambique (Yangana), Zulu, Bemba (Zâmbia), Ajaua (Zimbábue), Lingala (Zaire) e outros faziam uso de quatro ou cinco Jingoma (Tambores).

No Brasil, o uso do trio da tribo Tchokwe prevaleceu por ser uma forma mais simples e de menos gastos, pois não devemos nos esquecer que o Ngoma tem vida, come e recebe obrigações, é um filho da cultura Africana que devemos tratar com muita responsabilidade e carinho.

O trio de Jingoma (Tambores/Atabaques):

Ngoma Tixina = O Grande

Ngoma Mukundu = O Médio

Ngoma Kasumbi = O Pequeno

ou

Ngómba = Grande

Ngónje = Médio

Gongê = Pequeno

Nas culturas dos povos Nagô Yorubá-Ketu e na cultura aos Voduns dos Djedje (Jeje) e

do Efon, o Ilú (Tambor/Atabaque) no nosso continente também predominou o uso do trio que vem da cultura dos Djedje (Jeje), acredito que também pelo mesmo motivo dos povos Bantu.

Ilú = Tambor/Atabaque

Rum = O Grande

Rumpi = O Médio

Lê = O Pequeno

Em outras tribos de cultura Yorubá, se tem registro de até sete tambores/atabaques em uso nas cerimônias para suas Divindades.

Os ritmos (toques) usados para as rezas e cânticos de louvação aos Minkisi, Orixás e Voduns têm nomes próprios que foram dados nos antigos candomblés aqui no Brasil, homenageando os países (Terras) da mãe África, Divindades e até mesmo o nosso povo do Brasil (Ancestrais- Caboclos).

Na África eles não têm nomes próprios e sim ritmos diferenciados para cada Divindade.

Nomes aos ritmos no Brasil (Bantu e Nagô Yorubá):

Kongo, Kabula, Kongo de Ouro, Angola, Angola Caboclo, Barra Vento, Samba, Samba Caboclo, Jexá, Lubondu, Nsalu, Opanijé, Munjólú e outros.

Aqui no Brasil, os homens e mulheres que não entram em transe, que não viram (incorporam) em suas Divindades são apontados e depois confirmados (Kundula), recebem o título de Kambondu e Kota na cultura Bantu e Ogan e Ekede na cultura Nagô Yorubá.

Na Mbutu (nação) Kongo / Ngola os títulos dados são exclusivos para exercerem à determinada função para qual foram preparados e confirmados.

**CARGOS E SUAS FUNÇÕES:**

Xika in Ngoma ou Muxiki (tocador de tambor), Tata Ngoma (pai do tambor) é também o responsável pela guarda e conservação do mesmo, Kambui (aquele que faz o couro falar).

Na nação dos Yorubás, o título dado é Alabê (tocador de Ilú).

Outros títulos de Tumbondu (plural de kambondu) e Makota (Plural de Kota) da Mbutu (nação) Ngola Kongo:

Tata Untala ( sua função é cuidar do Ndemburo, ou seja quarto de santo)

Tata Pokó = Pai da Faca ( título dado aos sacrificadores que são filhos de Nkosi, Divindade que é o dono da faca e de todos os instrumentos de corte )

Tata Kivonda = Pai sacrificador , aquele que sacrifica...

Tata Kisaba ( sua função é toda ligada às ervas e folhas, colher, macerar e preparar banhos e deixar as ervas prontas para que o zelador as usem em funções específicas )

Tata Nfunfu (sua função é ser responsável pelos pós sagrados, preparar e elaborar).

Tata Mabaia / Tata Lubitu ( sua função é ser responsável pelo barracão, como se fosse um relações públicas, observa o andamento do toque, recebe visitas e faz as honras da casa)

Tata Ngimbi (sua função é puxar as Mambu (cantigas) do candomblé junto com o Xika ia Ngoma)

Tata Kanzumbi / Tata Nzo Nvumbi ( sua função é ser responsável por sacudimentos (Kenza/Kelula), carregos, ritos fúnebres (Nzo ia Vumbi), também zela dos guardiões da casa.

Kota Mbakisi (sua função é cuidar das Divindades, é responsável pelas vestimentas e dança junto com as Divindades)

Kota Ambelai/Kota Nvanji ( sua função é cuidar do muzenza /iniciado dentro do quarto de santo do começo ao fim da feitura e nas Ituminu (obrigações), encarregada também de ensinar a rezar, cantar, passar uma conduta decente ao iniciado )

Kota Mulongi ( tem a função específica de ensinar cantigas e rezas aos azenza (plural de muzenza).

Kota Mulambi/Kota Rifula (sua função é preparar as comidas (makudiá) para as Divindades)

Kota Kididi ( tem a função de manter a paz e harmonia dentro da Nzo (casa) ajudando na união dos irmãos de santo)

Kota Hongolo Matona (normalmente a pessoa que tem esse cargo é filho da Divindade Angoro = serpente (serpente dos céus.... é representada pelo arco-iris = Hongolo) sua função é de fazer as pinturas corporais no Muzenza no período de recolhimento, ela quem faz as pinturas coloridas, pois a palavra Hongolo do Kimbundu significa arco-íris)

Kota Luvemba (é responsável pela pintura corporal da cor branca, esse cargo é dado para uma filha de Lembá).

## **PEQUENA LENDA DE NKONGOBILA**

Nkongobila pela visão Bantu, mas diretamente da tribo Kasanji é uma projeção de Nzambi, que diversifica os animais dos vegetais, tornando-se o zelador das matas e florestas, enfim da natureza. Representando a preocupação do homem pela manutenção da vida pela caça e pesca.

Conta-se uma lenda que Nkongobila nasceu das águas do KIOKO, um tipo de coqueiro que produz frutos enormes.

Os Makuma (plural de Kuma) homens macacos, primeiros habitantes da terra, ao beberem da sua água e comerem do seu fruto, foram adquirindo a mesma força dessa árvore, se tornando grandes caçadores na terra e na água.

## **CABOCLO - ANCESTRAL BRASILEIRO**

Vamos tentar através desta matéria, mostrar que os caboclos não tem vínculos e não pertencem às nações de candomblé do Brasil.

O significado da palavra caboclo é próprio de bugre, indígena de cor acobreada, mestiço de branco com índio, caipira, roceiro, sertanejo, enfim caboclo é um brasileiro que habita o interior, o sertão das terras brasileiras.

Sendo assim, o caboclo ou o boiadeiro, não pertencem de forma alguma às nações vindas do continente africano!

Quando os negros aqui chegaram, primeiro os Bantu , quase duzentos anos depois os Nagô/Yorubá, os índios já habitavam essas terras.

Adoradores do sol, da lua, de seu Deus Tupã, com seus costumes, culturas, crenças, tradições e com suas línguas, como: Carajá, Cariri, Tupi Guarani, Xetá, Tupinambá, Tapirapé, Paracanã, Tupari e muitas outras.

Também temos aqueles que chamamos de caboclos de couro, brasileiros sertanejos, que habitam os sertões, as caatingas, as terras áridas na lida dura, no manejo de suas boiadas no interior dos sertões do Brasil.....

Temos que parar e refletir e não dizermos mais que os caboclos pertencem à esta ou àquela nação/religião (candomblé), se pertencessem a alguma nação, essa seria a nação do Brasil.

Digo isso, pois já escutei mais de uma vez, irmãos da cultura Nagô/Yorubá dizerem que tocam Angola em seus Ilês de cultura à Orisá, para louvar caboclos, recolhem suas varas e tocam com as mãos entoando cantigas de louvação aos caboclos, acreditando que estão em um ritual de origem Angola/Bantu.

Isso é um equívoco, meus irmãos! Os caboclos estão aí para serem louvados e cultuados, basta apenas ter a competência para fazê-los de uma forma que não haja misturas entre o culto aos Minkisi (plural de Nkisi), Orisá ou Vodun.

Tendo conhecimento, podemos até assentá-los, porém da forma deles, com aquilo que lhes pertencem, como seus símbolos o sol, a lua, o arco e flecha, pedaços de pau, dentes de animais e tudo mais que à eles agradam, pois esses ancestrais dizem o que querem comer e beber por intermédio de possessão (incorporação) em seus médiuns e através de sua própria fala, dizem como elaborar seus assentamentos.....

Esses assentamentos devem ficar fora do barracão em um culto exclusivo à eles, sem nenhum tipo de mistura com os fundamentos das Divindades africanas.

Então meus irmãos, os caboclos não pertencem aos bantu e nem aos Nagô e sim ao Brasil e à todos aqueles que os adoram e neles acreditam.

Eu particularmente tenho muito amor e fé nesses amigos da espiritualidade, mas não devemos de forma alguma, misturar o culto à eles com o culto às Divindades oriundas do continente africano.....

## **UMBANDA E CANDOMBLÉ**

Xenu jami jipange anga makamba ia njimu  
( Olá meus irmãos e amigos de culto )

Li uma postagem em uma comunidade do orkut, onde colocaram em questão as diferenças entre o Candomblé e a Umbanda. Foi perguntado porque quando eram da Umbanda tinham como donos de suas cabeças determinadas Divindades e ao passarem para o Candomblé, tiveram suas Divindades mudadas.

Com isso me dei conta que deveria elaborar um texto explicativo sobre o assunto, com a intenção de esclarecer aos irmãos e irmãs que têm consigo esse tipo de curiosidade ou dúvida e também abordar algumas questões de mudanças que ocorreram na Umbanda com o passar dos anos.

A Umbanda é um culto (religião) de origem brasileira, oficializada no estado do Rio de Janeiro em 1908, pelo médiun Zélio Fernandino de Moraes.

Quando uso a palavra "oficializada", é porque estudos e pesquisas indicam que a Umbanda já existia muito antes do ano em questão (1908). Não da forma que é feita no Brasil, mas esses cultos à espíritos ancestrais eram praticados em África Bantu, de 1200 anos a .c; à 2500 a .c; com essa variação de estudos e pesquisas.

Com a chegada dos negros Bantu no Brasil por volta de 1560, esses cultos à espíritos de ancestrais continuaram nas senzalas, onde os espíritos se comunicavam com o mundo dos vivos, através de sonhos, intuições e também por possessão (incorporação).

Voltando para a Umbanda praticada após sua oficialização em 1908....

Em seu início a intenção era ter uma religião onde os guias espirituais e entidades trabalhassem para sua própria evolução na espiritualidade e para ajudar os necessitados, sem preconceitos ou distinções.

Inicialmente as entidades, guias espirituais como caboclos, pretos velhos, crianças e outros ajudariam as pessoas através de passes, rezas e ensinamentos vindos da espiritualidade, pois o espiritismo (Allan Kardec) considerava essas entidades de certa forma, primitivas para trabalharem e incorporarem em seus médiuns nas sessões por eles

elaboradas, tendo em vista que, NA VISÃO DOS MESMOS, eles só trabalham com espíritos de muita evolução como: médicos, cientistas, artistas, filósofos, etc....

Enfim, surgiu a Umbanda!!!

Em seus primeiros anos, a Umbanda foi um culto, onde seus médiuns vestiam-se de branco, oravam, cantavam e batiam palmas. Incorporavam com seus guias espirituais e entidades, praticavam a caridade à todos que ali chegavam, mas com o passar dos anos a Umbanda cresceu e se espalhou por outras cidades e estados e começaram as mudanças! Foram introduzidas na mesma várias modificações, Divindades e instrumentos de origem Nagô Yorubá, ou seja, os Orisá (Orixás)..... Foram também implantados segmentos e objetos de outras religiões!!!

O atabaque, o adjá, roupas de cor, imagens de Santos Católicos, o sincretismo, cantigas e saudações (em português) para as Divindades Africanas, que começaram a fazer parte de seus rituais, fazendo-se dessa forma uma mistura sem tamanho, onde as casas que praticavam os cultos da Umbanda que deveriam ter cultos ao menos semelhantes, faziam os mesmos de forma totalmente diferentes, onde até os dias atuais encontram-se casas de Umbanda, sendo cada uma com seus cultos diferenciados uns dos outros. (Difícilmente falam a mesma língua)...

As diferenças entre Umbanda e Candomblé são imensas e sem comparações!!

O candomblé é uma religião de matriz africana e para se integrar a ela, o filho(a) tem que passar pelo processo de iniciação..... que é o primeiro passo que o novo adepto se submete para ser um filho de Nkisi (Divindade Bantu) ou filho de Orisá (Divindade Nagô).

Enquanto a Umbanda de tradição brasileira, não é iniciática e qualquer situação de iniciação dentro da mesma, é pura invenção de seus próprios adeptos (a iniciação que me refiro, é aquela que representa um novo nascimento, quando o iniciado "Muzenza ou Yaô" nasce para sua Divindade e a partir desse novo nascimento, ele torna-se um iniciado na religião).

As entidades (espíritos) que se manifestam em seus filhos na Umbanda, através de possessão ou incorporação, não são Divindades (Nkisi, Orisá ou Vodun) e sim espíritos, guias espirituais, tiveram vida em Terra, diferentemente dos Minkisi (Divindades) de tradição Bantu ou Orisá de tradição Nagô que são Divinos, são elementos da própria mãe natureza (Mam'etu Utukilu), não tiveram vida em Terra, tampouco forma humana, são eles: a própria chuva, o próprio raio, os ventos, a terra, a água e suas nascentes, o fogo, o trovão, as plantas e suas raízes, as lavas vulcânicas, etc....

São as criações mais antigas de Deus, Nzambi Ampungu (das nações Angola e Congo) ou Olorum (dos povos Nagô Yorubá-Ketu)!!

**A DIVINA NATUREZA NUNCA IRÁ EVOLUIR, SEMPRE SERÁ DA MESMA FORMA COMO FOI CRIADA POR DEUS... O mar, a terra, os ventos, a água sempre serão os mesmos elementos Divinos... (SOMENTE AS RELIGIÕES É QUE EVOLUEM E SE MODIFICAM, DE ACORDO COM OS INTERESSES PESSOAIS DO HOMEM, INFELIZMENTE!)**

Esses Minkisi/Jinkisi ou Orisá, só tomam seus filhos por possessão quando seus filhos são iniciados para eles, ou seja, à cabeça (Mutuê) do filho é preparada para receber essa força energética, fazendo uma concentração e ligação direta de energias entre à cabeça do filho e o assentamento (Mbenge) de sua Hamba (Divindade). Se não for dessa forma, o filho que não é iniciado tombaria ao receber essa descarga de energia, o que muitos chamam popularmente de "bolar no santo".

Cantar, louvar, saudar em português os Orixás (Orisá) Nagô de língua yorubá como se faz na Umbanda é bem diferente de dizer que essas Divindades tomam por possessão os "médiuns," que não são iniciados para receber em suas cabeças e corpos essas energias da natureza.

Quanto às mudanças de Divindades, quando a pessoa se encontrava na Umbanda e depois passou para o candomblé e ocorrem mudanças de Orisá ou Nkisi, também não vejo essa possibilidade, pois só as religiões de nação têm como dizer qual é a Divindade a qual o filho pertence.

Somente um sacerdote (Nganga) pode fazer uso dos jogos adivinhatórios, oráculos ... Que é a forma correta de saber qual é a Divindade (Hamba) do filho, através do merindilogún com 16 búzios ou (ODÚ) que pertencem as tradições religiosas dos povos Nagô Yorubá, ou Vitíti Nkôbo de 21 búzios ou até mesmo o Ngombo que pertencem as tradições Kongo Ngola Bantu. Quem faz uso desses instrumentos de adivinhação, são os Babalorisá//Yalorisá, Jinganga (sacerdotes), Nengua (sacerdotisa), Tata, Mama, Tat'etu ou Mam'etu, das tradições religiosas africanas, que são preparados para manipular os oráculos, bem diferentes dos padrinhos, madrinhas ou chefes de terreiros de Umbanda, que não são preparados para isso, ou seja não passaram pelo processo de iniciação, portanto não têm poder e nem direito de dizer qual é o Nkisi, Orisá ou Vodun desse ou daquele médium (filho).

Não devemos nos esquecer que seus trabalhos ou sessões são feitos por intermédio de guias e entidades espirituais, que também não têm como dizer qual é a Divindade que é dona da cabeça de determinado médium (filho), uma vez que trata-se de uma religião brasileira com guias brasileiros (ancestrais da terra), por isso eles não têm condições de dar referências de Orisá, Nkisi ou Vodun oriundos da África. Também existe o fato de que a entidade está ligada ao plano espiritual, e o Orisá/Nkisi ou Vodun ligados aos elementos da natureza, um é espírito (teve corpo, encarna e desencarna), a Divindade é energia, planos de existência totalmente diferentes, ao contrário do que muitos imaginam, não caminham juntos..... ASSUMEM PAPÉIS DIFERENTES NO UNIVERSO!!

Quando vemos médiuns de Umbanda incorporados com seus "ORIXÁS", na verdade estão tomados em possessão por seus caboclos ou caboclas, sejam eles das matas, das cachoeiras, dos rios, das marés, caboclos de armadura, caboclos de pena ou de outros caminhos ou campos de atuação, são entidades e respondem à outras entidades superiores à elas, não são Divindades (Orisá, Nkisi ou Vodun). Tenho muita fé nesses amigos da espiritualidade, mas não devemos confundir guias espirituais com Divindades de origem africana, elementos da natureza, que são cultuados única e exclusivamente nas jinzo

(casas) de Mbutu (nação) de candomblé.....

Sempre tive curiosidade e quis entender, porque a palavra que deu origem a Umbanda, é de origem Bantu Angola, da língua Kimbundu.

Não entendo, pois se a palavra Umbanda é de origem Bantu, porque foi implantado em seus cultos Divindades de origem Nagô Yorubá- Ketu (Orisá).....

As tradições religiosas dos povos Nagô Yorubá, são dirigidas diretamente aos seus Deuses (Orisá). Para os Nagô, a possessão (incorporação) em seus corpos, só pode ser realizada por seus Orisá, nunca por espíritos. Para eles (Nagô) é inconcebível um espírito de morto, tomar sua cabeça em possessão, sendo que a mesma é preparada para sua Divindade (Orisá).

Só para constar: A palavra Umbanda é escrita com assento agudo no segundo “a” e é de origem Bantu, da língua Kimbundu e significa: Magia da Cura ou Arte de Curar, dela se deriva a palavra Kimbanda, que tem o significado de: Curandeiro (do Kimbundu).

Tomaram caminhos bem diferentes dos seus significados!!!!!!

Meu grande amigo professor, pesquisador e escritor Sérgio Paulo Afonso, tem uma opinião sobre esse assunto, que particularmente vejo muita lógica.....

Através de pesquisas, tudo caminha para a seguinte conclusão, que eu gostaria de compartilhar com vocês!!!

Todos nós sabemos que os negros de origem Bantu, chegaram ao Brasil 200 anos antes que outros povos de origem africana. Com isso foi imposto à eles, o período mais desumano de nossa história.....

Com a chegada 200 anos depois dos negros Nagô Yorubá-Ketu, já em um período mais ameno da escravidão, traziam com eles sua cultura, tradição, língua e seus cultos religiosos (Orisá – Orixás), sua religião ficou em evidência e mais forte, já que a maioria dos negros Bantu já haviam sido “desafricanizados” e perdido sua essência religiosa, também foi imposto à eles o cristianismo, por seus senhores brancos.....

Esses povos de origem Bantu, diferentemente de outros povos africanos, cultuavam além de suas Divindades (Mahamba//Minkisi), também espíritos (ancestrais/antepassados) de uma forma mais direta.

O professor Sérgio Paulo Afonso, me enviou um texto sobre esses povos. Colocarei parte do mesmo para um melhor entendimento.....

"Os povos Ambundu compunham outrora o reino de Ngola, nome que nomeia hoje o moderno país de Angola e foram contatados oficialmente pelos portugueses, através de um navegador chamado Paulo de Novais, em 1565.

Os Ambundu acreditavam que a vida se dá na Terra e também no além-túmulo e que o espírito dos antepassados está sempre presente entre os homens, na forma de antepassados (bakulu) e ancestrais.

O antepassado pode ajudar ou atrapalhar a vida dos vivos, aparecendo à seus decedentes em forma de sonhos e premonições. Pode também vir até seus decedentes através de possessão (incorporação) de um morto numa pessoa viva (médium) para ditar seus

desejos ou ensinamentos.

Além dos espíritos dos antepassados, os Ambundu também cultuavam as Divindades da natureza (Mahamba/Minkisi)".....

"Outro Texto sobre o culto a espíritos ancestrais, praticados pelos nativos Bantu".

SERES ESPIRITUAIS ENTRE OS BAKONGO. (Bakongo - plural de Kongo)... Os Bakongo são os povos Bantu que habitavam as antigas regiões do Kongo (Congo).

Para os bakongo existem várias classes de seres espirituais. Em primeiro lugar está Nzambi Ampungu (DEUS), criador de si mesmo e de todas as coisas que existem. Nzambi Ampungu vive na sua própria cidade e é o responsável por todos os seres vivos.

Em segundo lugar estão os Minkisi (sing. Nkisi = Divindade) encarregados dos elementos da natureza, uma vez que os mesmos foram os construtores do planeta. São os próprios elementos da natureza, representados através de estátuas, ou de outros recipientes que contêm arte da sua energia vital (assentamento).

Em terceiro lugar estão os Misimbi e os jinkita (sing. Simbe – Nkita), espíritos da natureza, sendo que para alguns grupos, os Misimbi são aquáticos e os Jinkita terrestres. Para os Ndimbu, um sub-grupo bakongo, os Misimbi e os Jinkita seriam as vozes dos Minkisi, ou aqueles que falam por eles.

Em quarto lugar estão os antepassados. Os bakulu, antepassados que tiveram uma vida de acordo com as leis morais da comunidade e por isso pós morte, alcançaram a graça de viver na vila dos antepassados, que é muito semelhante a dos humanos (encarnados). Os antepassados estão sempre presentes na vida da comunidade e podem reencarnar nos seus descendentes. Um outro tipo de morto, os que não seguiram as leis comunitárias, que fizeram maldades, roubaram ou mataram inutilmente, não tem direito a viver na vila dos antepassados bons e se transformam em Tebo (pl. matebo), seres de pequeno porte, pele esbranquiçada, cabeleira longa e vermelha e possuem um odor nauseabundo. Vivem errantes nos arredores das vilas dos homens (encarnados), se alimentam de frutos maduros, galinhas e outros pequenos animais, e estão sempre a serviço dos feiticeiros para fazer maldades. Dormem em cima de árvores como os macacos. São seres muito temidos por todos.

\*Mahamba - plural de Hamba = Divindade..... Minkisi - plural de Nkisi.

Creio eu, que os Orixás Nagô/Yorubá tiveram sua implantação na Umbanda e também um maior destaque em outros segmentos da nossa sociedade, até nos dias atuais, sobressaindo às Divindades de Angola Kongo, pelos motivos acima citados.....

\*Apesar da oficialização da Umbanda em 1908, vimos que ela é bem mais antiga..... esses cultos eram praticados lá em África (incorporação com espíritos/ancestrais) pelos

nativos Bantu.

No Brasil tomou outros rumos e formas de culto por força da grande influência Nagô, mas continuou com seu nome de origem Bantu (Kimbundu), como foi postado acima\*

Mas também creio que isso não tem grande importância, o que realmente acho importante é a perda da essência espiritual da Umbanda.....Essa religião tão querida e amada por muitos, está sendo vitimada por várias formas de mudanças!

Devemos lutar contra isso, pois a Umbanda é uma religião embasada na simplicidade, humildade, no amor e na caridade ao semelhante com a magia da incorporação dos guias espirituais.....A magnitude do passe, a força bruta dos caboclos, as rezas dos pretos velhos e seus ensinamentos, os antigos benzimentos e simpatias, as alegrias das crianças incorporadas em seus médiuns, transmitindo a impressão que pessoas adultas voltaram a encontrar a pureza dentro de si, a ingenuidade das crianças que perdemos quando nos transformamos em adultos....

Essa na minha opinião é a essência da Umbanda, que se não zelarmos acabará se perdendo, pois o interesse individual de alguns, só visam o seu próprio bem estar.....

Nos últimos 10 anos, a Umbanda sofreu o maior número de mudanças e “invenções” desde sua oficialização no Brasil.

É claro que não são todos os chefes de terreiros que aderem as tais mudanças, que são divulgadas em sua maioria, através de livros e de cursos ministrados.

Não citarei nomes, pois não desejo que passe a impressão de questão pessoal, até porque o intuito do Blog é de divulgação das tradições dos povos Bantu, Ngola e Kongo.

Temos um senhor muito conhecido nos meios da Umbanda, autor de vários livros e que se auto intitula Babalorisá, mesmo sem nunca ter passado pelos processos de iniciação, que é o maior inovador e inventor de conceitos dentro da religião!

Não tendo ele, como dizer de onde vêm todos esses ensinamentos e não tendo uma fonte para os mesmos, coloca todo esse suposto “saber” como Divino, vindo tudo do plano espiritual, através de suas psicografias.

Creio eu, que a intenção de tudo isso é criar uma nova religião, onde ele pensando em seus objetivos pessoais seria o grande fundador e mentor de tudo, se tornando uma espécie de Bispo Macedo da nova religião....

Em seus livros, é passada a impressão que temos 2 tipos de Orixás, ou seja, os tradicionais que são oriundos da África e os Orixás exclusivos do culto que ele prega e ensina....

Gráficos complexos, mistérios, tronos, tronos de luzes e cores, Orixás naturais, Orixás de incorporação, Orixás Auxiliares, enfim, uma verdadeira invenção, que fica muito longe de toda base da verdadeira Umbanda, que é humildade, simplicidade, caridade e amor.

Citarei um exemplo para constar o quanto esse segmento está equivocado.....“Em um de seus livros, é citado Pombagira como um elemento mágico, um agente cármico ativado pela lei maior, assentada à esquerda da religião Umbanda, um mistério regido por uma Divindade Cósmica que gera e irradia o fator “desejo” e completa o fator “vigor.”

Absurdo!!!

A palavra POMBA GIRA, vem de uma interpretação errônea da palavra PAMBU NJILA....

Essa palavra Pambu Njila com o passar dos anos foi confundida e mal interpretada por muitos, chegando aos terreiros de Umbanda com nomes de Pomba Gira, Pombogiro, Bombogiro e outros...

Oras, todas as pessoas que são iniciadas na Mbutu (nação) Kongo e Angola ou que se interessam pela cultura de procedência dos povos Bantu, sabem que Pambu Njila é uma Divindade MASCULINA, é um Nkisi que representa os caminhos, as estradas e também é nosso Guardião.

A palavra PAMBU significa atalho, encruzilhada, fronteira; e a palavra NJILA significa caminho, estrada.... (Ngana Pambu Njila = Senhor dos Caminhos)!!

É comprovada a questão da confusão e interpretação da palavra Pambu Njila por pesquisadores. Isso é fato!! Sem falar da língua Kimbundu dos povos angolanos, que até hoje é falada no continente africano por mais de 3 milhões de pessoas e a língua Kikongo dos povos Bakongo (Kongo) é falada por mais de 4 milhões de pessoas.....

Nos terreiros de Umbanda, Pomba Gira é uma entidade (espírito de mulher) que trabalha incorporada em seus médiuns!!

Ou seja, um nome que foi mal interpretado, por terminar com a letra “A” (transmitindo uma impressão feminina), passou de Nkisi masculino para entidade mulher e agora vira elemento mágico, um agente cármico ativado pela lei maior, realmente estão brincando com coisa séria.....

Da mesma forma, que a palavra Exu é usada na Umbanda para definir as entidades, que geralmente vêm em seus médiuns bebendo, fumando e resolvendo questões de demandas, quando na verdade Exu (Legbara) é um Orisá de origem Nagô Yorubá ..... Tanto quanto Pambu Njila é o guardião da nação Angola Kongo, Exu é o guardião dos povos Nagô Yorubá Ketu.

Eu particularmente defino essas entidades que trabalham na Umbanda, como entidades intermediárias que trabalham por ordem de guias espirituais superiores, como caboclos e pretos velhos e cumprem a função de tomar conta de seus médiuns ..... Exemplo: Se o médium estiver dentro de uma danceteria, de um bar, de uma casa noturna e outros lugares do tipo, quem faz a vigilância e proteção dele são essas entidades, uma vez que pretos velhos e caboclos não necessitam de estarem nesses tipos de lugares.....

Também têm a função de proteger a casa e o médium de espíritos sofredores e retirá-los, levando-os para lugares determinados por superiores.....

Eu os chamo de “povo da rua”, de "compadres", "companheiros" e muitos irmãos do candomblé, os chamam de “catiços”.

Acredito, que muitas pessoas dão crédito à esse tipo de ensinamento, pois a Umbanda verdadeira se define em simplicidade, limitando-se à passes, rezas, ensinamentos, benzimentos e simpatias de seus guias, que na minha opinião, se feitos com fé, são

grandiosos.....

A carência de fundamentos e a sede do saber, muito contribui para o crescimento dessas novas colocações dentro da religião.....Muitos chefes de terreiros de Umbanda, procuram o Candomblé para se iniciarem, mas quando lhes é falado do rigoroso caminho de iniciação e de seus preceitos, abrem mão e vão por um caminho mais fácil, porém equivocado.

A intenção dessa postagem é lembrar aos irmãos sobre o princípio da religião, que é a caridade, simplicidade, humildade e amor..... Os espíritos não mudam sua essência, o mesmo caboclo que oficializou a Umbanda 100 anos atrás continua o mesmo, os elementos da Divina natureza criados por Deus, são os mesmos..... O que muda é a religião, conforme o interesse particular de cada um.....

### **NKISI PAMBU NJILA - KIUÁ NGANA PAMBU NJILA! (VIVA O SENHOR DOS CAMINHOS!) - KIUÁ NJILA!**

Falarei sobre o Nkisi/Mukixi Pambu Njila, não falarei de raças ou qualidades, pois na cultura e tradição Bantu, que se difere do culto Nagô Yorubá, não temos raças nem qualidades e sim Divindades(Mahamba) específicas que pertencem à determinada família, como por exemplo: Pambu Njila é o Nkisi central, onde existem outros Minkisi distintos do mesmo clã familiar.

Essa divindade (Hamba) masculina da cultura Bantu, se assemelha com o Orixá Exú Legbara dos Nagô/Yorubá.

Seu elemento é o fogo (Tubia), Nkisi que conhece todos os atalhos, todos os caminhos e está com seu filho em todos os lugares que ele possa ir, pois não há portas fechadas para essa Divindade.

Ele é o intermediário entre os seres humanos e os outros Minkisi (plural de Nkisi). Na língua Kimbundu, a palavra "Pambu" tem o significado de encruzilhada, atalho, fronteira e a palavra "Njila" significa caminho, estrada.

A encruzilhada para os nativos Bantu, possui sentidos mágicos, representa o centro do universo, onde a mesma retém grande força energética. A encruzilhada é a cruz dos povos Bantu, simbolizando vários caminhos, diversos sentidos, indo e vindo, ligando o Bantu à diversas escolhas e dando novas oportunidades de vida, através de caminhos novos...

Pambu Njila é e sempre será o primeiro à ser louvado e homenageado. Ele come, bebe e recebe homenagens primeiro que qualquer outro Nkisi, pois é ele quem guarda (kanzenzu) a porta da casa (inzo) de Ngola ou kongo Ngola e também tem a função de avisar as outras Divindades da cultura Bantu, que as cerimônias religiosas terão seu início.

Esses Minkisi têm seus assentamentos (kuxikama/kunda) nas portas de entrada dos templos de Ngola e kongo Ngola, para que justamente guardem, zelem e vejam todos que

entram para o ritual de candomblé...

Colares (masanga) ritualísticos desse Nkisi..... Normalmente usamos as cores vermelho e preto fosco, mas essas cores são oriundas de misturas entre culturas de nações diferentes que ocorreram aqui no Brasil, essa questão hoje, se difere de raiz para raiz. Em África Bantu, existem registros que a cor que simbolizava o Nkisi Pambu Njila era o cinza , mas existe grande dificuldade de encontrar missangas (masanga) nessa tonalidade no Brasil.... Também é usado para esse Nkisi, o vermelho cristalizado e o branco transparente (água)..... Essas cores simbolizam os opostos, sendo: vermelho, o fogo e o branco transparente, a água (mas essas questões sobre cores que menciono, não são de costume e uso no Brasil).

Esse Nkisi atua na musculatura e no tônus muscular, na potência e vigor do físico .....

Espero que o relato acima possa ajudar a esclarecer sobre esse Nkisi tão confundido e mal interpretado por muitos aqui no Brasil, sendo até mesmo confundido erroneamente com a entidade Pomba Gira da Umbanda.....

## **PAMBUNJILA E MUJILO**

Na nação Ngola PAMBUNJILA é o nkisi masculino correspondente a Exu. Em Ngola se considera também o Exu feminino, que recebe o nome de MUJILO.

PAMBUNJILA Recebe, dentre outros, os títulos de "TATA MUBIKA" - Pai Trabalhador, ou "NGANGA NJILA" - "Senhor dos Caminhos". MUJILO é chamada de "MAMETU MUBIKA" - Mãe Trabalhadora, ou "YASOBA NJILA" - Mais velha dos Caminhos.

Saudação: KIUÁ NGANGA PAMBUNJILA! Viva o andarilho dos caminhos! ou KIUÁ UNZILA! ou ainda PEMBELE PAMBUNJILA! / PEMBELE MUJILO!

Qualidades de Pambunjila:

· KOROBO - MALUNGU - MANAWELE

- KUJANJO - MALAGÒ - MAVILUTANGU (leva o padê)
  - KIJANJA - ALUVAIÁ - TIBIRIRI
- KUMBAKO - KAJA ENGANGA - MAVÚ
- SINGANGARA - MARABO - BIOLATAN
  - SIGATANA - ALUVÁ - GANGAIÓ
  - INGUÈ - MAVAMBO - MANAKÒ
  - INAWÈ - APAVENAN - MAVILE

Qualidades de Mujilo:

- KAKURUKAIA ou KAKARUKAIA
  - JILA MAVAMBO
  - JILA MAVILE
  - JILA MANAKÒ

Algumas folhas de Pambunjila:

ARREBENTA CAVALO DE ESPINHO - ARRUDA MACHO - BELDROEGA ROXA - CARRAPATEIRA ROXA - FIGUEIRA - FEDEGOSO - CORREDEIRA - JURUBEBA - MANGUEIRA - PINHÃO ROXO - FOLHA DA FORTUNA ROXA - URTIGA - JAMELÃO.

<b>Sistema</b>				
<b>Adivinhatorio</b>				

(Sistema Adivinhatorio)

**Métodos de adivinhação** são extremamente freqüentes nas sociedades tribais em todos os continentes. São constituintes importantes na cosmologia destes povos e portanto seu estudo torna-se uma das maneiras mais eficientes de apreensão do universo cultural a que pertencem.

São o "fato social total" de Durkheim, ou seja, um fato social cujo estudo revela a totalidade da cultura. Seu simbolismo é muito rico e se apóia em materiais os mais diversos que vão de objetos manufaturados, plantas e búzios a partes de animais ou animais inteiros e seus comportamentos em circunstâncias específicas: entre os índios das Américas é comum a interpretação do comportamento dos pássaros - alguns remanescentes passaram para as sociedades complexas como presságios, aviso de chuva etc, comum entre nós; na África, um dos continentes mais ricos em métodos de adivinhação, o uso de animais é mais freqüente do que em outras regiões. A adivinhação é uma constante, por exemplo, entre as culturas Bantu da África Central - sobretudo nas etnias Cokwe, Lwena, Lucazi, Lunda, Ndembu, Ovimbundu, Ngangela, Lwimbi, Nyemba e Rotse - veremos alguns exemplos da etnia Cokwe de Angola - o "ngombo" ou arte da prática adivinhatória .Os Cokwe distinguem três categorias de especialistas que podem intervir em seus problemas: o Mubiki ( adivinho ), o Nganga ( curandeiro / feiticeiro ). O primeiro interpreta os fatos primariamente em função de forças positivas; o curandeiro é um prático que tem grande conhecimento do poder curativo de plantas e de como usá-las ritualisticamente, e por fim, o feiticeiro lida com forças negativas que ele manipula contra suas vítimas.

O **mubiki** ( adivinho ) lida diretamente com o espírito dos ancestrais, principalmente o dos grandes chefes fundadores dos grupos. Estes espíritos são venerados de diversas maneiras sendo a mais característica o exercício de uma atividade profissional, ou seja, um indivíduo consagrado a um espírito deverá exercer a atividade profissional que o espírito exercia. O mubiki ( adivinho ) é um dos maiores exemplos disso: exerce esta atividade em honra do espírito ancestral a que é consagrado e o exercício mesmo desta atividade é seu maior ato de veneração.

Os **Nganga** ( feiticeiros ), lidando com as forças do mal, são a causa das doenças e uma constante ameaça à população. Alguns autores chegam a afirmar que a atividade do adivinho é comparável à de um detetive psicológico que deve pesquisar e descobrir as feitiçarias. Isto dá um grande status ao adivinho e no caso dos Cokwe, este status é reforçado pelo fato de que normalmente o mubiki é o próprio chefe da aldeia. A coragem de denunciar o nganga demanda uma boa dose de prestígio assim como grande conhecimento das forças ocultas em ação. Para isto a iniciação tem papel fundamental: somente após uma severa iniciação o mubiki será reconhecido.

A iniciação consiste de sacrifícios aos ancestrais e meses de aprendizado com o adivinho iniciador. Ngombo, como é conhecida esta arte na região, significa tanto o cesto usado na adivinhação quanto o espírito do ancestral que preside os atos de adivinhação, que ajuda o adivinho a adivinhar. Vários símbolos são usados neste cesto. Símbolos animais são abundantes: o adivinho escolhe certas espécies animais e relaciona seus comportamentos com os problemas concretos trazidos pelos clientes. A razão da escolha de certas espécies é difícil de explicar. Muitas vezes, aos animais reais são atribuídos traços que os torna fantásticos ou monstruosos, portanto simbólicos e adequados à interpretação adivinhatória.

Existem também as restrições que envolvem animais, principalmente os que fazem parte do grupo usado nas adivinhações. Por exemplo: quando um caçador caça um leão (muanangana na adivinhação), uma pantera (cisenga) ou um tamanduá (njimbu), lhes são interditas as relações sexuais por três dias porque estes animais "são como

pessoas" - o leão e a pantera simbolizam o chefe da terra e o tamanduá, que habita em buracos na terra, são como mortos, isto é, seres humanos.

- **pequeno chifre de antílope** - o movimento balanceado com relação a pontos brancos e vermelhos pintados no cesto, respondem sim/não (bem/mal) a questões formuladas na sessão.
- **pata dianteira de macaco** - sua aparição é um bom presságio, o problema vai se resolver.
- **pangolim** - (um animal parecido com um tatu) - usado para males femininos.
- **pata de tamanduá** - símbolo do passado, tudo o que está perdido no tempo.
- **espinho de porco-espinho** - sua aparição na borda do cesto significa algo muito negativo.
- **"o espírito do caçador"**; - caçar é uma atividade muito valorizada e particularmente perigosa, por isso todas as suas interdições rituais. Aqui é usado o dente de um animal abatido em caçada, envolto em tecido vermelho. A aparição deste dente na borda do cesto significa exigências do espírito ancestral quanto ao exercício da caça.
- **garra ou unha da águia-real (a maior águia africana)** - indica que o problema é causado por feitiçaria.
- **pata de um animal chamado kambangu** - indica manifestação do mal
- **pena vermelha de um pássaro chamado nduua** - problemas relacionados com os mortos.
- **carapaça da tartaruga** - proteção ao ato adivinhatório.
- **pata de lagarto das chuvas** - denuncia amores secretos.
- **cabeça de camaleão** - doenças causadas por feitiçaria.
- **cabeça de serpente** - o mal foi causado por uma cobra enviada por um feiticeiro.
- **búzio (carapaça de animal marinho)** - usado em questões de gravidez/fecundidade.
- **são usados ossos, chifres e garras de vários outros animais.**

Todos estes elementos são colocados no cesto adivinhatório (um pequeno cesto de palha - quase como um chapéu de palha, com o fundo decorado com pele de gato selvagem ou outros animais, às vezes com casco de tartaruga ou com cabaça). Na sessão, este cesto é "sacudido" e os elementos que aparecem por cima são interpretados. O cesto é sacudido várias vezes de acordo com o diálogo entre o adivinho e o consulente.

## AS MÁSCARAS

### AS MÁSCARAS

Irmãos e amigos de cultura e crença venho através desta postagem falar um pouco das questões que se referem aos cerimoniais de sala, principalmente no que diz respeito às vestimentas e paramentos de nossos Minkisi e gostaria também de falar um pouco sobre o assentamento (Kuxikama/Mbenge) do Nkisi.

Desde a implantação das primeiras casas de culto Bantu Kongo e Ngola no Brasil, a mais de 120 anos atrás, nossas raízes sempre estiveram ligadas direta e indiretamente com outras tradições e culturas, principalmente com a nação Nagô/Yorubá Ketu.

Essa ligação começou e ainda se encontra presente em nossas casas, por vários motivos, o principal creio eu, foi que os negros de origem Bantu chegaram a nosso continente quase 200 anos antes que os negros de origem Nagô/Yorubá.

Por terem chegado bem antes, a "desafricanização" dos Bantu ocorreu de uma forma quase que natural, não só da sua essência religiosa, como também em todos os outros fatores de suas vidas.

Já com os negros Bantu desafricanizados e muitos deles por imposição de seus senhores, foram obrigados a aderir ao cristianismo e com a chegada dos Nagô/Yorubá, já com a escravidão de uma forma mais "branda", os Nagôs tiveram como implantar suas tradições e culturas religiosas de uma forma mais forte e abrangente.

Pois bem, esse seria um dos fatores que fizeram com que o candomblé de Ketu sobressaísse ao candomblé Kongo/Ngola e que quase de uma maneira total se fizesse presente e necessário nas casas (jinzo) de culto e tradição Bantu, pois os próprios descendentes dos negros Bantu, já haviam perdido muito de seu culto religioso e permitiram que a culto religioso Nagô fosse necessário dentro de suas casas, com isso muito de seus fundamentos, foram abraçados e utilizados nas casas de culto Ngola e Kongo.

Além das línguas, comidas, fundamentos, louvações e também das próprias Divindades, o candomblé Kongo/Ngola também acabou utilizando-se das vestimentas e paramentos que haviam sido implantados aqui mesmo no Brasil nas casas de cultura Nagô/Yorubá, como também os antigos sacerdotes de Ngola e Kongo aderiram às louças européias, que também teriam sido implantadas aqui no Brasil nas tradições Nagô/Yorubá, como até nos dias atuais continuam sendo utilizadas nas casas de Ngola e Kongo.

Falarei primeiro sobre as questões das máscaras (Mukange ou Mukangila), vestimentas e paramentos e depois sobre a elaboração de nossos assentamentos (Jimbenge).

Sabemos que tanto os Minkisi dos povos Bantu quanto os Orixás (Orisá) dos Nagô/Yorubá em seus rituais em África, quando as Divindades tomavam através de possessão seus filhos, suas vestimentas eram muito diferentes das que foram implantadas aqui no Brasil.

Usavam poucos tecidos (panos), vestindo suas Divindades viradas em seus filhos com elementos naturais, cobrindo grande parte do corpo com folhas, ervas, palhas de palmeiras, couro de animais como búfalos, antílopes e etc...usavam também ornamentos como: búzios, favas, pequenas pedras (terracota), corais e etc.

Aqui no Brasil, no final do século XIX e começo do XX, os antigos sacerdotes de tradição Nagô/Yorubá da nação Ketu implantaram em seus cultos lindas vestimentas de finos tecidos, metais e ornamentos exuberantes imitando coroas.

**S**eus Orixás (Orisá) usavam e ainda usam longas saias de tecidos brilhosos oriundos do modismo europeu da época, que chegou à sociedade baiana..... Com isso também o candomblé de Kongo e Ngola, que já sofria com a forte influência Nagô também aderiu a essa implantação.

**T**odos nós sabemos que as máscaras fazem parte da cultura do povo Bantu, digo fazem porque até hoje existem cultos em aldeias e vilas afastadas das grandes cidades em África Bantu.

**M**uitos não concordam com o uso das máscaras aqui no Brasil, pois dizem que as mesmas não atravessaram o Atlântico..... Eu pergunto, e as longas saias, adês e filás, os paramentos em metais vieram da mãe África?? É claro que não..... Foram implantados aqui no Brasil.... E, se foram implantados pelos antigos sacerdotes, porque não podemos implantar as máscaras substituindo os adês, filás e coroas de metais, pois além de serem feitas e confeccionadas com elementos naturais, são de origem e tradição dos nativos Bantu.

**F**alarei um pouco sobre a confecção e fundamentos das máscaras de tradição Bantu.

**N**ão são todas as tribos de origem Bantu, que fazem o uso das máscaras em seus rituais religiosos. Temos conhecimento que as tribos mais antigas a fazerem uso das máscaras são os Tchokwe, mas as tribos Ambundo que são os atuais Angolanos e os Bakongo (Kongo) também as utilizam.

**Q**uando nos referimos às questões das máscaras religiosas dos nativos Bantu, entramos numa questão séria, responsável, envolta em fundamentos e também num universo fascinante!

**A**s máscaras são usadas pelos Bantu somente quando estão tomados em posse por seu Nkisi, elas não podem ser usadas de forma alguma pela pessoa sem que a mesma esteja virada (incorporada) em sua Divindade. Existem dois tipos de máscaras para cada Nkisi, uma é confeccionada para ser usada a partir da iniciação religiosa do indivíduo e sempre que estiver virado (incorporado) em sua Divindade, e a outra é confeccionada após a morte do indivíduo, e usada nos rituais fúnebres da pessoa, ou seja, as duas máscaras são usadas nas circunstâncias mais importantes da existência do indivíduo bantu, no seu nascimento (iniciação para seu Nkisi) e em sua passagem para o plano espiritual (morte do corpo físico).

**A**s máscaras são elaboradas e confeccionadas em lugar próprio, chamado de Kubata Mukangila e seu encantamento é feito através de sacrifício animal.

**O** material natural que é usado em sua confecção é diferente para os Minkisi masculinos e para os Minkisi femininos, são usadas cascas de determinada árvore, que também existe no Brasil e faz-se o uso da cabaça também.

**C**ada Nkisi possui um determinado tipo de máscara, onde seu semblante representa o caminho do Nkisi, ou seja, o que o Nkisi representa para o ser humano, pois sendo a Divindade um elemento da própria natureza não tem forma e nem face humana e a máscara faz esse papel, por exemplo: a máscara de Nkosi, possui um semblante feroz, representando o leão, o guerreiro implacável em suas ferozes batalhas, já a de Mutakalambo, possui a característica do caçador, do astuto e assim por diante..... Representando para os homens os caminhos que cada Divindade representa no Universo!

**A** pintura das máscaras é feita com tinta vegetal e trazem através da pintura toda essa representatividade.

**A** máscara que é usada no ritual fúnebre do indivíduo não é feita nela, o encantamento através do sangue animal..... Ela é confeccionada somente após a morte do indivíduo e seu encantamento é feito através de folhas (Jinsaba) piladas, pena (Kisala) de determinada ave, que são trituradas e queimadas e também são usados em seu encantamento determinados pós sagrados (Mafu) que são ralados de algumas favas e sementes.

**A**pós o término do ritual fúnebre, a máscara não acompanha o corpo no sepultamento, tendo em vista que ela será levada para uma palhoça (Kubata) especial, onde se cultuam os espíritos dos antepassados.

**T**odavia, não é necessário que se siga à risca, como é feito em África, a idéia que tento passar aos amigos e irmãos de Ngola e Kongo é que podemos usar as máscaras substituindo os adês, filás e coroas, pois além de não serem de nossas tradições e culturas, são elementos, em minha opinião, que não condizem com nossos Minkisi. Trata-se de uma questão individual, de gosto e de preferência de cada sacerdote.

#### **Falarei um pouco sobre os assentamentos.....**

**T**ambém foi implantado em nossa Mbutu (nação) as louças européias em nossos assentamentos (Jimbenge plural de Mbenge), que também foi uma implantação Nagô/Yorubá ocorrida aqui no Brasil, sendo que as louças são oriundas da Europa e não têm nada a ver com o culto aos Minkisi, pois o culto dos negros Ngola/Kongo Bantu, antecede a descoberta das louças, além de que se trata de uma visão machista do final do século XIX, associando às Divindades femininas com a mulher (pessoa/gente) e fazendo-se a ligação da mulher com a cozinha, razão pela qual encontramos pratos de louças e colheres de pau nos assentamentos.

**N**a África Bantu, a elaboração dos assentamentos são feitos com elementos naturais, ou seja, retirados da própria mãe natureza (Mam'etu Utukilu). Nossos assentamentos são elaborados no barro, em madeira e cabaças, forrados e cobertos com folhas (Jinsaba) conforme a Divindade que está sendo assentada.

**É** dispensável o uso de qualquer coisa que não seja de origem natural, é usado o elemento ferro, em sua forma natural (pedra de ferro), não o forjado pelo homem.

**T**ambém é usado a pedra de raio, que é formada através da descarga elétrica natural (raio) ao tocar o solo, pois também sabemos que a cultura religiosa Bantu é muito anterior a descoberta do ferro, metais e latões.

**P**ergunto aos irmãos, se esses elementos como o prato, o ferro forjado, colheres de pau foram adaptados à religião aqui no Brasil, porque não podemos fazer uso em nossos assentamentos de elementos naturais que nos são dados pela própria criação de Nzambi Ampungu e também fazem parte verdadeira das tradições religiosas dos nativos Bantu??

**P**or todos esses anos, que nossas nações Ngola e Kongo viveram à sombra da cultura Nagô/Yorubá Ketu, perdemos muito. Hoje no Brasil, setenta por cento das casas de candomblé são de origem Nagô/Yorubá Ketu e muitas casas que se dizem Angola, na verdade são casas de Ketu com uma placa escrito Nação Ngola.

**N**ão quero de forma alguma ser diferente e muito menos criar uma nova raiz, a minha luta e minhas pesquisas se dão a favor de um candomblé sem misturas, onde em uma festa (Kizomba), as pessoas que adentrarem possam diferenciar de imediato se estão num culto de Ngola ou em um culto de Ketu.

**S**ei que se isso chegar a acontecer, será para gerações futuras e isso para mim é o que importa.